



O
MENTINO
DO
DEDO
VERDE

Maurice Druon

ilustrações de Walter Lara

JOSÉ
OLYMPIO
Jo

Maurice Druon

O
MENINO
DO
DEDO
VERDE

tradução de D. Marcos Barbosa
ilustrações de Walter Lara

JOSE
OLYMPIO
Jo

121ª edição

RIO DE JANEIRO, 2021

Copyright © Herdeira de Maurice Druon Título do original: Tistou Les Pouces Verts

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Druon, Maurice, 1918-2009

D86m

O menino do dedo verde [recurso eletrônico] / Maurice Druon ; ilustração
Walter Lara ; tradução D. Marcos Barbosa. - 1. ed. - Rio de Janeiro : J.O, 2022.
recurso digital

Tradução de: Tistou les pouces verts

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5847-073-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção francesa. 2. Livros eletrônicos. I. Lara, Walter. II. Barbosa, D. Marcos.
III. Título.

21-75243

CDD: 843

CDU: 82-3(44)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

Capa e projeto gráfico: Leonardo Iaccarino Ilustrações de capa e miolo: Walter Lara
Imagem de capa: Alexander Ryabintsev / Shutterstock

Este livro foi revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de
partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Reservam-se os direitos desta tradução à EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.
Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 2585-2000

ISBN 978-65-5847-073-1

Produzido no Brasil
2021

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se em www.record.com.br e receba
informações sobre nossos lançamentos e promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: sac@record.com.br

A Dom Jean-Marie Charles-Roux

SUMÁRIO

PREFÁCIO

NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

- I No qual o autor, a respeito do nome de Tistu, tece algumas considerações da mais alta importância
- 2 No qual apresentamos ao mesmo tempo Tistu, seus pais e a Casa-que-Brilha
- 3 No qual somos levados a conhecer Mirapólvora, assim como a fábrica do Sr. Papai
- 4 No qual Tistu é mandado à escola, onde não fica
- 5 No qual a preocupação pesa sobre a Casa-que-Brilha e no qual se decide, para Tistu, um novo sistema de educação
- 6 Onde Tistu recebe uma lição de jardim e descobre, ao mesmo tempo, que possui polegar verde
- 7 No qual confiam Tistu ao Sr. Trovões, que lhe dá uma lição de ordem
- 8 No qual Tistu tem um sonho horroroso, e o resultado disso
- 9 No qual os sábios nada descobrem, mas o próprio Tistu faz uma descoberta
- 10 No qual Tistu, de novo com o Sr. Trovões, recebe uma lição de miséria
- 11 No qual Tistu resolve ajudar o Dr. Milmales
- 12 No qual o nome de Mirapólvora se transforma
- 13 No qual se procura distrair Tistu
- 14 No qual Tistu, a propósito da guerra, faz a si próprio novas perguntas
- 15 No qual Tistu tem uma aula de geografia, seguida de uma de fábrica, e

no qual o conflito entre os Voulás e os Vaitimboras se estende de modo imprevisto

- I6 No qual se sucedem as mais espantosas notícias
- I7 No qual Tistu corajosamente denuncia a si próprio
- I8 No qual algumas pessoas grandes acabam renunciando às suas ideias estabelecidas
- I9 No qual Tistu faz uma última descoberta
- 20 No qual ficamos sabendo finalmente quem era Tistu

SOBRE O AUTOR E O ILUSTRADOR

PREFÁCIO

O menino do dedo verde é a única história para crianças que escrevi e, sem dúvida, a única que escreverei.

Um dia, achei que seria divertido e relaxante, entre dois volumes de *Os reis malditos*, tentar um gênero literário que eu nunca tivesse abordado, e bem distante de todos os meus outros livros. No meio do caminho, reparei que as diferenças se davam apenas em relação à forma e à expressão, mas os problemas de fundo eram os mesmos.

Primeiro, porque não há crianças às quais devemos nos dirigir especificamente. Há futuros adultos, e também antigas crianças. No dia a dia, eu nunca falo com uma criança num tom infantil; não a imagino tão tola que me obrigue a falar de forma tola com ela para que me entenda. Quando era pequeno, e falavam comigo dessa maneira, eu ficava muito chateado e pensava, sem coragem de dizê-lo: “Aqui está um senhor bem bobo que precisa se agachar para parecer que tem o meu tamanho.”

O personagem de Tistu é um menino dessa espécie, que não admite que os adultos lhe expliquem o mundo com suas ideias preconcebidas. E como ele apresenta — é a virtude essencial da infância — um olhar novo sobre os seres e as coisas, desorganiza o raciocínio dos adultos, que têm o julgamento embaçado pelas lentes de costume. Particularmente, ele não entende por que os homens não conseguem chegar a um acordo para viver em paz, já que vivemos melhor com bons sentimentos do que com maus, com a liberdade do

que com a obrigação, com a justiça do que com a arbitrariedade, com a paz do que com a guerra, digamos simplesmente com o bem do que com o mal.

Da minha parte, e provavelmente é o que me resta de infância, ainda não entendi nem aceitei essa incapacidade.

Toda criança tem a expectativa de agir pelo bem comum e, para isso, aguarda o milagre de ser grande. E depois, quando é grande, geralmente esqueceu o que queria fazer ou renunciou a isso. E nada se faz. Sobra apenas um adulto a mais, sem milagre. Tistu tem a chance — e é aqui que começa seu périplo — de poder agir sendo criança. E age utilizando flores, que são, exatamente como a infância, promessa e esperança.

Como esse homenzinho, essa promessa de homem, usa as flores para lembrar às antigas crianças que nós somos os que podem viver mais felizes? É o que esta história vai lhes contar.

Mas é claro que Tistu não é uma criança qualquer.

É o que tenho comprovado há dez anos pelos amigos que conheço graças a ele no mundo inteiro, amigos de todas as idades.

Novembro de 1967.

NOTA À EDIÇÃO BRASILEIRA

A crítica francesa foi gratamente surpreendida por Maurice Druon. Já consagrado por seus romances históricos, oferecia de repente às crianças uma obra-prima de pura ficção, transbordante de humor e poesia. Renovava-se, de certo modo, o milagre de Saint-Exupéry com *O pequeno príncipe*, hoje um clássico, e não só da literatura infantil. Creio que não exageramos. Pois certas obras não transcendem apenas as fronteiras dos países, mas também as fronteiras das idades: disfarçando a profundidade de suas mensagens na singeleza de um livro para crianças, dirigem-se realmente aos adultos. Só eles compreenderão mil coisas ditas entre as linhas ou sugeridas por vários símbolos. Mas nem por isso tais livros deixam de dar o seu pleno recado às crianças, inclusive à criança que sobrevive em nós...

Mas não param nesta rica ambivalência as semelhanças entre Tistu e o Pequeno Príncipe. Há outras ainda, que aproximam ambos da mais misteriosa personagem que já passou pela Terra, embora o seu nome não apareça uma só vez em todo o texto.

Quando dizemos que um novo livro se assemelha a um outro de grande êxito, comprometemos talvez o que apresentamos. Poder-se-á pensar numa simples cópia ou transposição, ainda que bem-feita. Não é o que acontece neste caso. Tistu tem uma vidinha inteiramente sua e as proezas do seu dedo verde são inteiramente originais. Tradutor de ambos os livros, só depois de terminado o trabalho, já numa reflexão de ordem crítica, foi que dei pela

semelhança. O livro é, aliás, dedicado a Dom Jean-Marie. Como na França os bispos são tratados por *Monseigneur* e os leigos por *Monsieur*, pergunto-me se Maurice Druon não terá homenageado um monge, quem sabe um antigo mestre, revivido no velho jardineiro com sua mensagem de paz. Se for assim, o tradutor se alegra ainda mais por ter descoberto e traduzido esta pequena obra-prima.

D. Marcos Barbosa

I



no qual o autor, a respeito do nome
de Tistu, tece algumas considerações
da mais alta importância



Tistu é um nome esquisito, que a gente não acha em calendário algum, nem do nosso país nem dos outros. Não existe um São Tistu. Mas havia, no entanto, um menino a quem todos chamavam Tistu... E é preciso explicá-lo.

Um dia, mal acabava de nascer e parecia um grande pão no bercinho de vime, fora levado à igreja para ser batizado. Um padrinho de chapéu preto e uma madrinha de mangas compridas declararam ao padre que ele se chamava João Batista. Nesse dia, como quase todos os bebês em idênticas circunstâncias, o coitadinho protestou, gritou, ficou vermelho de chorar. Mas as pessoas grandes, que não compreendem os protestos dos recém-nascidos e teimam em sustentar suas ideias pré-fabricadas, garantiram com a maior firmeza que o menino se chamava mesmo João Batista.

Mas em seguida, mal a madrinha de mangas compridas e o padrinho de chapéu preto o recolocaram no berço, deu-se um fato curioso: as pessoas grandes já não conseguiam pronunciar o nome que lhe haviam dado, e puseram-se a chamá-lo de Tistu.

O fato, aliás, não é tão raro assim. Quantos meninos e meninas foram registrados no tabelião ou na igreja com os nomes de José, Maria ou Antônio, e só são chamados de Juca, Cotinha ou Tônico!

Isso prova simplesmente que as ideias pré-fabricadas são ideias mal fabricadas, e que as pessoas grandes *não sabem mesmo o nosso nome*, como também não sabem, por mais que o pretendam, de onde foi que viemos, por que estamos aqui e o que devemos fazer neste mundo.

Essa observação é muito importante e requer ainda algumas explicações.

Se só viemos ao mundo para sermos um dia gente grande, logo as ideias pré-fabricadas se alojam facilmente em nossa cabeça, à medida que ela aumenta. Essas ideias, pré-fabricadas há muito tempo, estão todas nos livros. Por isso, se a gente se aplica à leitura ou escuta com atenção os que leram muito, consegue ser bem depressa pessoa importante, igual a todas as outras.

É bom notar que há ideias pré-fabricadas a respeito de qualquer coisa, o que é bastante prático, permitindo-nos passar facilmente de uma para outra.

Mas, quando a gente veio à Terra com determinada missão, quando fomos encarregados de executar certa tarefa, as coisas já não são tão fáceis. As ideias pré-fabricadas, que os outros manejam tão bem, recusam-se a ficar em nossa cabeça: entram por um ouvido e saem pelo outro, e vão quebrar-se no chão.

Causamos assim muitas surpresas. Primeiro, aos nossos pais. Depois, a todas as outras pessoas grandes, tão apegadas às suas benditas ideias!

E foi justamente o que aconteceu com o garotinho, a quem chamaram Tistu sem consultá-lo.



2



no qual apresentamos ao mesmo
tempo Tistu, seus pais e a Casa-que-
Brilha



Os cabelos de Tistu eram louros e crespos nas pontas. Como raios de sol que terminassem num pequeno cacho ao tocar na terra. Tistu tinha grandes olhos azuis e faces rosadas e macias. Todo mundo o beijava.

Porque as pessoas grandes, sobretudo de nariz grande, rugas na testa e cabelo nos ouvidos, estão sempre beijando as criancinhas de face macia e rosada. Elas dizem que as crianças gostam, e isso é outra das ideias que inventaram. Porque são eles, os grandes, que gostam, e as crianças de face macia e rosada são muito boazinhas em prestar-se a isso.

Todo mundo que via Tistu exclamava:

— Oh, que garoto bonito!

Mas Tistu não ficava vaidoso. A beleza lhe parecia uma coisa inteiramente natural. E até se surpreendia com o fato de todos os homens, todas as mulheres e todas as crianças não serem como seus pais e ele próprio.

Porque os pais de Tistu, é bom dizer logo, eram também muito bonitos. Foi de tanto olhá-los que ele se habituou a pensar que o normal é ser bonito, enquanto a feiura lhe parecia uma exceção e mesmo uma injustiça.

O pai de Tistu, que se chamava Sr. Papai, tinha os cabelos negros cuidadosamente fixados com brilhantina; era alto e se vestia com apuro; não se via grão de poeira na gola do seu paletó, e perfumava-se com água-de-colônia.

Dona Mamãe, loura e leve, tinha as faces macias como as pétalas das flores, unhas vermelhas como pétalas de rosa, e espalhava em torno dela, quando saía do quarto, o perfume de um buquê.

Realmente Tistu era um felizardo. Pois, além do Sr. Papai e de Dona Mamãe, inteiramente dele, podia servir-se ainda da imensa fortuna de ambos.

Com efeito, o Sr. Papai e Dona Mamãe, como já perceberam, eram muito ricos.

Habitavam numa casa esplêndida, de muitos andares, com pórtico, varanda, escadaria, escadinhas, altas janelas dispostas de nove em nove, torrezinhas guarnecidas com chapéus pontudos, tudo isso dentro de um

jardim maravilhoso.

Em cada aposento da casa havia tapetes tão espessos e macios que a gente andava sem fazer barulho. Para brincar de esconder era ótimo, como também para correr descalço — coisa proibida, que fazia Dona Mamãe dizer:

— Tzistu, calce os chinelos, você vai se resfriar! Mas Tistu nunca se resfriou por causa dos tapetes.

Havia também o corrimão da escada grande. Um corrimão em cobre, muito polido, imenso S maiúsculo que nascia nas alturas da casa e tombava como um raio de ouro sobre a pele de urso do vestíbulo.

Logo que se pilhava sozinho, Tistu montava no corrimão e deslizava vertiginosamente. Esse corrimão era o seu tobogã particular, o seu tapete voador, o seu caminho mágico, diariamente polido e lustrado com furioso ardor pelo criado Cárolo. Pois o Sr. Papai e Dona Mamãe gostavam de tudo que brilha, e fazia-se grande esforço para que eles ficassem contentes.

O cabeleireiro, graças à brilhantina de que já falamos, conseguira fazer da cabeleira do Sr. Papai um capacete de mil reflexos, que todo mundo admirava. Os sapatos do Sr. Papai eram tão bem engraxados, tão bem lustrados que davam a impressão, quando ele andava, de irem chutando faíscas.

As unhas cor-de-rosa de Dona Mamãe, polidas diariamente como o corrimão, brilhavam como dez janelinhas ao levantar do sol. Em torno do pescoço, orelhas, pulsos e dedos de Dona Mamãe cintilavam colares, brincos, pulseiras e anéis de pedras preciosas. Quando saía à noite, para o teatro ou baile, as estrelas empalideciam.

O criado Cárolo, graças a um pó que inventara, tinha feito do corrimão a obra-prima que já sabemos. Servia-se do mesmo pó para lustrar as maçanetas das portas, os candelabros de prata, os lustres de cristal, bem como os saleiros, açucareiros e fivelas.

Quanto aos nove carros que dormiam na garagem, quase era preciso, para vê-los, colocar óculos escuros. Quando saíam juntos pela estrada e entravam pelas ruas, o povo parava nas calçadas. Era como se a Galeria dos Espelhos tivesse saído a passeio.

— Gente, é o Palácio de Versalhes! — exclamavam os mais cultos.

Os distraídos tiravam o chapéu, pensando tratar-se de um enterro. As vaidosas aproveitavam para contemplar-se nas portas e retocar a pintura.

Na cavalaria, nove cavalos lustrosos, cada qual mais belo que o outro. Aos domingos, quando havia visitas, instalavam os nove no jardim, para ornamentar a paisagem. O Negrão ficava sob a magnólia, em companhia de sua mulher, Belinha. O pônei Ginástico punha-se perto do quiosque. Diante da casa, sobre a relva verde, alinhavam-se os seis cavalos groselha, raça de cavalos vermelhos, extremamente raros, criados pelo Sr. Papai, que muito se orgulhava deles.

Os moços da cavalaria, uniformizados de jóquei, corriam de um cavalo ao outro com a escova na mão, pois era preciso que brilhassem também, sobretudo aos domingos.

— Meus cavalos devem ser como joias! — dizia o Sr. Papai a seus jóqueis.

Mas esse homem, tão amigo do fausto, era também um homem bom, e todos se esforçavam por obedecer-lhe. De modo que os jóqueis escovavam cuidadosamente os cavalos: nove pelos para um lado, nove para o outro. Tanto que as garupas dos cor de groselha davam a impressão de enormes rubis. As crinas e as caudas eram trançadas com papel prateado.

Tistu adorava todos esses cavalos. De noite, sonhava que estava dormindo com eles na palha dourada da cavalaria. Durante o dia, ia a todo momento visitá-los.

Quando comia chocolate, guardava cuidadosamente o papel prateado, que entregava ao jóquei do pônei Ginástico. Porque, de todos os animais, Ginástico era o predileto. E isso se compreende, pois Tistu e o pônei eram quase do mesmo tamanho.

Assim, vivendo na Casa-que-Brilha, junto ao cintilante Papai e a perfumada Mamãe, no meio de belas árvores, belos carros e belos cavalos, Tistu era um menino imensamente feliz.



3



no qual somos levados a conhecer
Mirapólvora, assim como a fábrica
do Sr. Papai



Mirapólvora era como se chamava a cidade onde Tistu nascera. Sua reputação e prestígio provinham da casa e, sobretudo, da fábrica do Sr. Papai. Mirapólvora, à primeira vista, era uma cidade como as outras: igreja, cadeia, quartel, mercado, butique. Mas essa cidade como as outras era conhecida no mundo inteiro. Porque era em Mirapólvora que o Sr. Papai fabricava canhões de todos os calibres, grandes ou pequenos, muito procurados. Canhões de bolso ou com rodas; para trens, aviões, tanques ou barcos; para atirar por cima das nuvens ou dentro d'água. Sem falar na variedade de ultraleves, para serem transportados a lombo de burro ou camelo nas regiões demasiado pedregosas, onde não se pode abrir estrada.

Numa palavra, o Sr. Papai era negociante de canhões. Desde que se entendia por gente, Tistu ouvia repetirem:

— Tistu, meu filho, nosso negócio é excelente. Canhão não é como guarda-chuva, que ninguém quer comprar quando faz sol. Ou como chapéu de palha, que fica na vitrine quando chove. Canhão sempre se vende, seja qual for o tempo!

Quando Tistu estava sem apetite, Dona Mamãe o levava à janela e mostrava de longe, bem no fundo do jardim, para lá do quiosque onde ficava o pônei Ginástico, a monumental fábrica do Sr. Papai.

Dona Mamãe fazia Tistu contar as nove imensas chaminés que lançavam fogo ao mesmo tempo; em seguida, trazia-o de volta ao prato, dizendo:

— Tome sua sopa, Tistu, porque você precisa crescer. Um dia você será o dono de Mirapólvora. Fabricar canhões é muito cansativo, e não há lugar para maricas em nossa família!

Ninguém tinha a menor dúvida: Tistu ficaria com o lugar do Sr. Papai na direção da fábrica, como este sucedera ao Sr.

Vovô, de rosto emoldurado por uma barba brilhante e a mão sempre pousada numa carreta de canhão, suspenso à parede da sala num retrato a óleo.

E Tistu, que era um bom menino, se esforçava por engolir a sopa de

tapioca.



4



no qual Tistu é mandado à escola,
onde não fica



Até os oito anos, Tistu não soube o que era escola. Dona Mamãe, com efeito, tinha preferido começar em casa a instrução do filho, ensinando-lhe os rudimentos da leitura, da escrita e do cálculo. Os resultados, é preciso reconhecer, não eram maus. Graças a belas figuras compradas especialmente, a letra A se instalara na cabeça de Tistu sob a aparência de um Asno, depois de uma Andorinha, depois de uma Águia. A letra B, sob a forma de uma Bota, de uma Bola, de um Balão etc. Quanto às contas, serviam-se de andorinhas pousadas nos fios dos postes. Tistu aprendera não somente a somar e a subtrair, mas chegava mesmo a dividir, digamos, sete andorinhas por dois fios... o que dava três andorinhas e meia para cada fio. Como essa meia andorinha podia equilibrar-se num fio, eis um outro problema que todos os cálculos do mundo jamais poderão explicar!

Quando Tistu atingiu os oito anos, Dona Mamãe considerou sua tarefa terminada. Era necessário confiar Tistu a um professor de verdade.

Compraram pois para Tistu um belo avental xadrez, botinas novas que lhe machucavam os pés, uma pasta, um tinteiro preto com figuras japonesas, um caderno de uma linha e outro de duas, e mandaram-no, acompanhado pelo criado Cárolo, à escola de Mirapólvora, que gozava de excelente reputação.

Todo mundo esperava que um menino tão bem-vestido, com pais tão belos e ricos, e que sabia dividir e esquitejar andorinhas, realizasse prodígios nas aulas.

Mas que decepção! A escola produziu em Tistu um resultado imprevisível e lamentável.

Quando começava o lento desfile das letras que caminham a passo pelo quadro-negro, quando começava a se desenrolar a monótona corrente dos três-vezes-três, dos cinco-vezes-cinco, dos sete-vezes-sete, Tistu sentia uma coceira no olho esquerdo e logo caía no mais profundo sono.

Não é que ele fosse burro ou preguiçoso, nem que estivesse cansado. Estava cheio da maior boa vontade.

“Eu não quero dormir, eu não quero dormir”, repetia Tistu consigo mesmo.

Pregava os olhos no quadro e colava os ouvidos à voz do professor. Mas sentia que a coceirinha estava chegando... Tentava, por todos os meios, lutar contra o sono. Cantava bem baixinho uma bela canção que inventara:

*Um quarto de andorinha...
Será a sua pata
ou será uma asinha? Se fosse uma empada,
eu comia todinha!*

Não adiantava. A voz do professor ia se transformando numa canção de ninar; a noite descia sobre o quadro-negro; Tistu ouvia o teto cochichar: “Por aqui, por aqui, belos sonhos!”, e a aula se transformava em aula de sonhar.

— Tistu! — gritava de repente o professor.

— Não foi de propósito, professor — respondia Tistu, acordando num sobressalto.

— Isso não interessa. Repita o que acabei de dizer.

— Seis empadas... divididas por duas andorinhas...

— Zero!

No primeiro dia de aula, Tistu voltou para casa com o bolso repleto de zeros.

No segundo dia, ficou de castigo por mais duas horas, isto é, ficou mais duas horas a dormir na aula.

Na tarde do terceiro dia, o professor entregou a Tistu uma carta para seu pai.

Na dita carta, o Sr. Papai teve a desdita de ler estas palavras: “Prezado Senhor, o seu filho não é como todo mundo.

Não é possível conservá-lo na escola.” A escola devolvia Tistu a seus pais.



5



no qual a preocupação pesa sobre a
Casa-que-Brilha e no qual se decide,
para Tistu, um novo sistema de
educação



A preocupação é uma ideia triste que nos comprime a cabeça ao despertar e permanece ali o dia todo. A preocupação se serve de qualquer meio para penetrar nos quartos; ela se insinua como o vento no meio das folhas, monta a cavalo na voz dos pássaros, desliza pelos fios da campainha.

Naquela manhã, em Mirapólvora, a preocupação se chamava: “Não é como todo mundo.”

O sol não se decidia a levantar-se.

“É bem aborrecido ter de acordar esse pobre Tistu”, dizia ele. “Logo que abrir os olhos, vai lembrar-se que foi expulso da escola...” O sol pôs um abafador no seu dínamo e lançou uns raiozinhos de nada, embrulhados em bruma; o céu permaneceu cinzento em cima de Mirapólvora.

Mas a preocupação dispõe de outros recursos; dá sempre um jeito de chamar a atenção. Ela se infiltrou, dessa vez, na grande sirene da fábrica.

E todo mundo em casa ouviu a sirene gritar:

— Não é como todo mu-un-undo! Tistu não é como todo mu-un-undo!

Foi assim que a preocupação penetrou no quarto de Tistu. “Que será de mim?”, perguntou a si próprio. E afundou a cabeça no travesseiro, mas não conseguiu adormecer de novo.

Era desesperador, reconheçamos, dormir tão bem na aula e tão mal na cama!

Siá Amélia, a cozinheira, resmungava sozinha, acendendo o forno:

— Nosso Tistu não é como todo mundo? E quem é que prova? Tem dois braços, duas pernas...

O criado Cárolo, polindo raivosamente o corrimão da escada, ficava repetindo:

— Tistu no ser como os outros...

Cárolo, fazemos questão de declarar, tinha um leve sotaque estrangeiro.

Na cavalaria, os jóqueis cochichavam:

— Não é como todo mundo, um garoto desses... Você engole essa?

E como os cavalos participam das preocupações dos homens, até os

puros-sangues groselha pareciam nervosos, batiam com as ferraduras, davam arrancos nas rédeas. Três fios brancos apareceram de repente entre a crina da Bonita.



Só o pônei Ginástico permanecia alheio a toda essa agitação e comia tranquilamente o seu feno, mostrando os seus belos dentes.

Mas exceto esse pônei, que bancava o indiferente, todo mundo perguntava o que ia ser de Tistu.

E os que se faziam essa pergunta com aflição maior eram, é claro, os pais do menino.

Diante do espelho, o Sr. Papai passava brilhantina no cabelo, mas sem nenhuma alegria, quase automaticamente.

“Eis um menino”, pensava ele, “que parece mais difícil de educar do que um canhão!”

Rosada entre os travesseiros rosados, Dona Mamãe deixou cair uma lágrima dentro do café com leite.

— Se adormece na aula, como poderá aprender? — perguntava ela ao Sr.

Papai.

— Talvez a distração não seja uma doença incurável — respondeu ele.

— Em todo caso, é menos perigoso que a bronquite — continuou Dona Mamãe.

— Mas, de qualquer modo, é preciso que Tistu se torne um homem — disse o Sr. Papai.

Após esse violento diálogo, calaram-se um momento. “Que fazer? Que fazer?”, pensavam os dois, cada um em seu canto.

O Sr. Papai era homem de decisões rápidas e enérgicas. Dirigir uma fábrica de canhões retempera uma alma. Por outro lado, amava muito o filho.

— É muito simples — declarou ele. — Achei a solução. Tistu não aprende nada na escola? Pois bem, não vai mais pisar em escola alguma! Se os livros o fazem dormir, fora com os livros! Vamos experimentar com ele um novo sistema de educação, já que não é como todo mundo! Ele aprenderá as coisas que deve saber olhando-as com os próprios olhos. Ensinar-lhe-ão, no local, a conhecer as pedras, o jardim, os campos; explicar-lhe-ão como funciona a cidade, a fábrica e tudo que puder ajudá-lo a tornar-se gente grande. A vida, afinal, é a melhor escola que existe. Vamos ver o resultado!

Dona Mamãe aprovou com entusiasmo a decisão do Sr. Papai. Quase lamentou não possuir outros filhos nos quais pudessem aplicar um sistema educativo tão sedutor.

Para Tistu, adeus empadinhas comidas às pressas, pasta a carregar nas costas, carteira onde a cabeça tombava sozinha e punhados de zero a escorrerem do bolso! Começava uma vida nova.

E o sol se pôs de novo a brilhar.

6



onde Tistu recebe uma lição de
jardim e descobre, ao mesmo tempo,
que possui polegar verde



Tistu pôs chapéu de palha para ir à aula de jardim. Era a primeira experiência do novo sistema. O Sr. Papai havia julgado melhor começar por aí. Uma lição de jardim, afinal de contas, é uma lição de terra, essa terra em que caminhamos, que produz os legumes que comemos e o capim com que os animais se alimentam, até ficarem bastante gordos para serem comidos... A terra, tinha declarado o Sr. Papai, está na origem de tudo. “Tomara que o sono não venha!”, dizia Tistu consigo mesmo, a caminho da aula.

O jardineiro Bigode, prevenido pelo Sr. Papai, já esperava o aluno na estufa.

O jardineiro Bigode era um velho macambúzio, de pouca conversa, e não lá muito amável. Uma extraordinária floresta, cor de neve, brotava-lhe entre o nariz e a boca.

Como descrever os bigodes de Bigode? Uma das maravilhas da natureza. Nos dias de vento, quando o jardineiro passava de pá ao ombro, era um verdadeiro espetáculo: pareciam duas chamas que lhe saíssem do nariz para queimar-lhe as orelhas.

Tistu bem que gostava do velho jardineiro, mas tinha um pouco de medo.

— Bom dia, Sr. Bigode — disse Tistu, tirando o chapéu.

— Ah! Você já chegou... Vamos ver do que é capaz. Está vendo este monte de terra e estes vasos? Você vai encher os vasos de terra e enfiar o polegar bem no meio, para fazer um buraco. Depois ponha tudo em fila, ao longo do muro. Então a gente coloca nos buracos as sementes que quiser.

As estufas do Sr. Papai eram admiráveis e dignas, em tudo, do resto da casa. Sob a proteção dos vidros cintilantes, mantinha-se, graças a um aquecedor, um ar úmido e quente. Ali mimosas floresciam em pleno inverno, cresciam palmeiras importadas da África, e cultivavam-se lírios pela sua beleza e jasmims pelo seu perfume. E até orquídeas, que não são belas nem cheiram, por um motivo inteiramente inútil para uma flor: a raridade.

Bigode era o senhor daquele recinto. Quando Dona Mamãe, aos domingos, trazia as amigas para verem a estufa, ele postava-se à porta, de

aventual novo, tão amável e falante quanto um cabo de enxada.

À menor tentativa de acender um cigarro ou tocarem numa flor, Bigode saltava sobre a imprudente:

— Era o que faltava! Será que as senhoras querem sufocar e estrangular minhas flores?

Tistu, ao realizar o trabalho que Bigode lhe confiara, teve uma agradável surpresa: esse trabalho não lhe dava sono. Ao contrário, dava-lhe um grande prazer. Ele achava que a terra tinha um cheiro gostoso. Um vaso vazio, uma pá de terra, um buraco com o dedo, e o serviço estava pronto. Passava-se logo ao seguinte. Os vasos iam se alinhando rente ao muro.

Enquanto Tistu prosseguia o trabalho com afinco, Bigode dava lentamente uma volta pelo jardim. E Tistu descobriu aquele dia por que é que o velho jardineiro falava tão pouco com as pessoas: ele conversava com as flores.

Vocês compreendem facilmente que depois de cumprimentar cada rosa de um ramo, cada cravo de uma touceira já não há voz que chegue para distribuir “Boa noite, meu senhor!” ou “Bom apetite, minha senhora!” ou “Saúde!” quando alguém espirra, todas essas coisas, enfim, que fazem os outros dizerem: “Como ele é bem-educado!”

Bigode ia de uma flor a outra, preocupando-se com a saúde de cada uma.

— Então, rosa-chá, sempre fazendo das suas! Guarda os botões escondidos para fazê-los abrir quando ninguém espera... E você, trepadeira, está pensando que é a rainha da montanha, querendo fugir pelo alto dos caixilhos... Veja se isso são modos!

Em seguida, virou-se para Tistu e gritou-lhe de longe:

— Então, é para hoje ou para amanhã?

— Um pouco de paciência, professor! Só faltam três vasos

— respondeu Tistu.

Apressou-se em terminar e foi ao encontro de Bigode, na outra ponta do jardim.

— Pronto, acabei.

— Bom, vamos ver — resmungou o jardineiro.

Voltaram devagarinho, porque Bigode aproveitava, ora para

cumprimentar uma grande peônia pelo seu belo aspecto, ora para encorajar uma hortênsia a se tornar mais azul... De repente, eles pararam imóveis, boquiabertos, estupefatos, fora de si.

— Será que eu estou sonhando? — disse Bigode, esfregando os olhos. — Você está vendo o mesmo que eu?

— Estou, Sr. Bigode.

Ao longo do muro, ali mesmo, a poucos passos, todos os vasos que Tistu enchera haviam florescido em menos de cinco minutos!

Mas é preciso explicar: não se tratava de uma tímida floração, hastes pálidas e hesitantes. Nada disso! Em cada vaso se avolumavam as mais soberbas begônias. E todas formavam, alinhadas, uma espessa sebe vermelha.

— É inacreditável! — dizia Bigode. — É preciso pelo menos dois meses para begônias assim!

Um prodígio é um prodígio. Primeiro, a gente o constata.

Depois, procura explicá-lo.

Tistu perguntou:

— Mas, se não se havia posto semente, Sr. Bigode, de onde é que saíram essas flores?

— Mistério, mistério... — respondeu Bigode.

Em seguida, tomou bruscamente nas suas mãos calejadas a mãozinha de Tistu.

— Deixe ver o polegar!

Examinou atentamente o dedo do menino, em cima e embaixo, na sombra e na luz.

— Meu filho — disse enfim, após madura reflexão —, ocorre com você uma coisa extraordinária, surpreendente! Você tem polegar verde...

— Verde! — exclamou Tistu muito espantado. — Acho que é cor-de-rosa, e até que está bem sujo! Verde coisa alguma!

Olhou seu polegar, muito normal.

— É claro, é claro que você não pode ver — replicou Bigode. — O polegar verde é invisível. A coisa se passa dentro da pele: é o que se chama um talento oculto. Só um especialista é que descobre. Ora, eu sou um especialista. Garanto que você tem polegar verde.

— E para que serve isso de polegar verde?

— Ah! É uma qualidade maravilhosa — respondeu o jardineiro. — Um verdadeiro dom do céu! Você sabe: há sementes por toda a parte. Não só no chão, mas nos telhados das casas, no parapeito das janelas, nas calçadas das ruas, nas cercas e nos muros. Milhares e milhares de sementes que não servem para nada. Estão ali esperando que um vento as carregue para um jardim ou para um campo. Muitas vezes elas morrem entre duas pedras, sem terem podido transformar-se em flor. Mas, se um polegar verde encosta numa, esteja onde estiver, a flor brota no mesmo instante. Aliás, a prova está aí, diante de você! Seu polegar encontrou na terra sementes de begônia, e olhe o resultado! Que inveja que eu tenho! Como seria bom para mim, jardineiro de profissão, um polegar verde como o seu!

Tistu não pareceu muito entusiasmado com a descoberta.

— Já vão dizer de novo que eu não sou como todo mundo

— resmungou.

— O melhor — replicou-lhe Bigode — é não falar nada com ninguém. Que adianta despertar curiosidade ou inveja? Os talentos ocultos, em geral, trazem aborrecimentos. Você tem o polegar verde, está acabado. Mas guarde para você, e fique em segredo entre nós.

E no caderninho de notas, entregue pelo Sr. Papai e que Tistu devia fazer assinar no fim de cada aula, o jardineiro Bigode escreveu apenas:

“Esse menino revela boas disposições para a jardinagem.”



7



no qual confiam Tistu ao Sr. Trovões,
que lhe dá uma lição de ordem



O temperamento explosivo do Sr. Trovões provinha sem dúvida de um longo convívio com toda espécie de canhão.

O Sr. Trovões era o braço direito do Sr. Papai.

O Sr. Trovões tomava conta dos vários empregados da fábrica, contando-os cada manhã, para ter certeza de que não faltava nenhum; inspecionava cuidadosamente o interior dos canhões para verificar se não estariam tortos; vistoriava as portas todas as noites para certificar-se de que estavam bem fechadas. E frequentemente ficava trabalhando até altas horas, a controlar o alinhamento dos algarismos nos grandes livros de contas. O Sr. Trovões era o homem da ordem.

Foi por isso que o Sr. Papai pensou nele para prosseguir, no dia seguinte, a educação de Tistu.

— Hoje será a lição de cidade e a lição de ordem! — gritou o Sr. Trovões, de pé no vestíbulo, como se estivesse falando com um regimento.

Convém lembrar que o Sr. Trovões estivera no exército antes de passar aos canhões. E, se não descobrira a pólvora, ao menos sabia usá-la.

Tistu deixou-se escorregar pelo corrimão da escada.

— Faça o favor de subir de novo — disse-lhe o Sr. Trovões

— e de descer pelos degraus.

Tistu obedeceu, embora lhe parecesse inútil subir para descer de novo, uma vez que já estava embaixo.

— O que é isso que você tem na cabeça? — perguntou o Sr. Trovões.

— Um boné xadrez...

— Então coloque-o direito.

Não pensem que o Sr. Trovões fosse mau. Só que tinha orelhas muito vermelhas e zangava-se por um dá-cá-aquela-palha.



“Eu bem que preferia continuar minha educação com o Bigode!”, pensava Tistu. E pôs-se a caminho ao lado do Sr. Trovões.

— Uma cidade — começou o Sr. Trovões, que preparara bem sua aula —, uma cidade se compõe, como você pode ver, de ruas, monumentos, casas e pessoas que moram nas casas. Na sua opinião, o que é mais importante numa cidade?

— O jardim — respondeu Tistu.

— Não — replicou o Sr. Trovões. — O mais importante numa cidade é a ordem. Vamos, portanto, visitar primeiro o edifício onde se mantém a ordem. Sem a ordem, uma cidade, um país, uma sociedade não passam de um sopro e não podem sobreviver. A ordem é uma coisa indispensável. E, para manter a ordem, é preciso punir a desordem!

“Decerto o Sr. Trovões tem toda a razão”, pensou Tistu. “Mas para que gritar desse jeito? Que voz de trovão! Será preciso fazer tanto barulho para manter a ordem?”

Nas ruas de Mirapólvora, os transeuntes voltavam-se para eles, e Tistu se sentia constrangido.

— Tistu, não se distraia! Que é a ordem? — perguntou o Sr. Trovões em tom severo.

— A ordem? É quando a gente está contente — respondeu Tistu.

“Hum, hum!”, resmungou o Sr. Trovões, e suas orelhas ficaram mais vermelhas que de costume.

— Eu já reparei — prosseguiu Tistu sem se intimidar — que o meu pônei Ginástico, por exemplo, quando está bem alimentado, bem penteado e tem a crina trançada com papel de chocolate, se mostra muito mais contente que quando está coberto de lama. E sei também que o jardineiro Bigode sorri para as árvores que estão bem podadas. A ordem não é isso?

Parece que essa resposta não satisfaz ao Sr. Trovões, cujas orelhas tornaram-se ainda mais vermelhas.

— E que se faz com as pessoas que espalham a desordem?

— perguntou ele.

— É claro que devem ser castigadas — respondeu Tistu, que supôs que “espalhar a desordem” fosse alguma coisa como espalhar os chinelos pelo quarto ou os brinquedos pelo jardim.

— São postos aqui, na cadeia — disse o Sr. Trovões, mostrando a Tistu, num largo gesto, uma imensa parede cinzenta, sem uma única janela, o que não é muito normal numa parede.

— Cadeia é isso? — perguntou Tistu.

— Sim, é isso — disse o Sr. Trovões. — É o edifício que serve para manter a ordem.

Eles foram acompanhando a parede e chegaram diante de uma grade preta, muito alta, toda eriçada em pontas. Atrás da grade preta viam-se outras grades pretas, e atrás da parede triste, outras paredes tristes.

— Por que é que os pedreiros puseram essas horríveis pontas de ferro por toda a parte? — perguntou Tistu.

— Para impedir que os prisioneiros fujam.

— Se esta cadeia não fosse tão feia — disse Tistu — talvez eles tivessem menos vontade de fugir.

As faces do Sr. Trovões ficaram tão vermelhas quanto as orelhas.

“Que menino esquisito!”, pensou ele. “Toda sua educação está por ser feita.” E acrescentou em voz alta:

— Você devia saber que um prisioneiro é um homem mau.

— E colocam o prisioneiro aqui para curar sua maldade?

- Experimentam. Tentam ensinar-lhe a viver sem matar e roubar.
 - Mas eles aprenderiam bem mais depressa se o lugar não fosse tão feio!
- “Ah, ele é cabeçudo!”, pensou o Sr. Trovões.

Tistu viu, atrás das grades, prisioneiros caminhando em roda, de cabeça baixa e sem dizer palavra. Pareciam terrivelmente infelizes, com a cabeça raspada, as roupas listradas e os sapatos grosseiros.

- O que é que eles estão fazendo?
- Estão em recreio — disse o Sr. Trovões.

“Imaginem!”, pensou Tistu. “Se o recreio deles é assim, o que não serão as horas de aula! Esta prisão é mesmo muito triste.” Sentia vontade de chorar, e não disse uma só palavra no caminho de volta. O Sr. Trovões interpretou esse silêncio como um bom sinal e pensou que sua lição de ordem começava a produzir frutos.

Mesmo assim, escreveu no caderno de notas de Tistu: “É preciso vigiar de perto esse menino; ele pensa demais!”

8



no qual Tistu tem um sonho
horroroso, e o resultado disso



Não há a menor dúvida. Tistu fazia a si mesmo muitas perguntas. Até mesmo dormindo.

Na noite da lição de ordem, ele teve um terrível pesadelo. É claro que sonho é sonho, e não devemos dar aos mesmos uma importância exagerada. Mas ninguém pode evitar os sonhos.

Ora, Tistu, quando estava dormindo, viu seu pônei Ginástico inteiramente raspado e andando em roda entre altas paredes escuras. E, atrás dele, os puros-sangues groselha, também de cabeça raspada, vestidos com roupas de listras e os pés enfiados em ridículas botinas, rodavam sem parar. De repente o pônei Ginástico, olhando à direita e à esquerda para verificar que ninguém o estava observando, tomou um impulso e deu um salto para transpor a grade, mas foi cair justamente em cima das pontas de ferro. Plantado lá em cima, esperneava com seus quatro sapatos e relinchava de dor...

Tistu acordou sobressaltado, com a fronte banhada em suor e o coração aos pulos.

“Felizmente isso não passou de um sonho”, disse logo consigo mesmo. “Ginástico está na cavalaria e os puros-sangues também.”

Mas não conseguiu adormecer de novo.

“O que seria tão triste para cavalo deve ser ainda pior para gente”, pensou ele. “Por que tornarem tão feios aqueles pobres prisioneiros? Isso não pode ajudá-los a melhorar... Tenho certeza de que, se me fechassem ali, mesmo sem ter feito nada de ruim, eu acabaria muito mau. Que será que a gente podia fazer para que eles sofressem menos?”

Ele ouviu bater onze horas e depois meia-noite, no campanário de Mirapólvora.

E, de repente, uma ideiazinha começou a fazer-lhe cócegas bem no fundo da cabeça.

“E se a gente fizesse nascer flores para eles? A ordem ficaria menos feia e os prisioneiros talvez se tornassem mais comportados. Bem que eu podia usar

meu polegar verde! Vou falar com o Sr. Trovões...” Mas logo se lembrou de que o Sr. Trovões ficaria todo vermelho. E lembrou-se também do conselho de Bigode: não falar a ninguém do seu polegar verde.

“É preciso que eu faça isso tudo sozinho, sem ninguém saber.” Uma ideia que se instala em uma cabeça em breve se torna uma resolução. E uma resolução só nos deixa em paz quando a pomos em prática. Tistu percebeu que não poderia mais dormir antes de executar o seu plano.

Saltou da cama e procurou os chinelos. Um deles se escondera debaixo da cômoda, e o outro... o outro parecia rir-se dele, pendurado na maçaneta da janela. Eis no que dá espalhar e jogar os chinelos para o alto!

Tistu deslizou para fora do quarto; os espessos tapetes abafavam seus passos. Encaminhou-se devagarinho para o corrimão e deixou-se escorregar pela barriga. Lá fora a lua estava cheia. Tinha as bochechas repletas de vento.

A lua gosta das pessoas que passeiam de noite. Logo que viu Tistu de camisola branca no meio do gramado, aproveitou uma nuvem que passava perto para uma vasta polidela em seu rosto de prata.

“Se eu não tomar conta desse garoto”, pensou ela, “vai acabar caindo num buraco!”

Reapareceu mais brilhante que nunca, e dirigiu ainda um apelo a todas as estrelas da Via Láctea, para que colaborassem com seus milhares de raios.

Assim protegido pela lua e as estrelas, Tistu, ora andando, ora correndo pelas ruas geladas, chegou sem obstáculo até a cadeia.



Ele não estava muito tranquilo, é claro, pois era a sua primeira experiência.

“Queira Deus que meu polegar verde funcione direitinho! E que o Bigode não se tenha enganado!”

Tistu foi aplicando o seu polegar por toda a parte que podia: no chão, no ponto em que a parede se encontrava com a calçada, nos buracos entre as pedras, ao pé de cada haste das grades. Fez um trabalho consciencioso. Não esqueceu nem mesmo as fechaduras do portão de entrada e a guarita onde o guarda dormia.

Quando acabou, voltou para casa, e logo ferrou no sono. O criado teve até dificuldade para acordá-lo, no dia seguinte:

— Tistu precisar levantar!

O criado Cárolo, creio que já dissemos, falava com forte sotaque estrangeiro.

Tistu tinha uma pergunta na ponta da língua, mas faltou-lhe coragem para fazê-la. Felizmente, não precisou esperar muito tempo para conhecer o resultado do seu empreendimento noturno.

Porque a cadeia... meu Deus do céu! Um tiro de canhão dado pelo Sr. Trovões na praça central de Mirapólvora não teria feito mais barulho. Imaginem o alvoroço de toda uma cidade diante de um acontecimento igual! Imaginem o estupor dos mirapolvorenses (era assim que se chamavam os

habitantes de Mirapólvora), ao descobrirem que a cadeia da cidade se transformara em castelo de flores, palácio de maravilhas!

Antes das dez horas, já a cidade inteira estava a par da fabulosa notícia. Ao meio-dia, toda a população se encontrava reunida ante o grande muro coberto de rosas e das grades transformadas em latadas.

Nem uma só janela da cadeia, nem uma só grade que não houvesse recebido sua ração de flores! As trepadeiras subiam, enroscavam-se e caíam de novo; os cactos, na parte superior dos muros, substituíam por toda a volta as terríveis pontas de ferro.

O mais curioso era talvez a guarita: a madressilva crescera tão depressa que o guarda ficara preso lá dentro. As plantas tinham tomado o seu fuzil por estaca e bloqueavam a entrada. A multidão, boquiaberta, contemplava o guarda, resignado e pacífico, fumando calmamente o seu cachimbo, dentro de um verdadeiro caramanchão.

Ninguém podia explicar o milagre... Ninguém, salvo o jardineiro Bigode, que também veio espiar, mas voltou de bico calado. Porém no dia seguinte, quando Tistu, de chapéu de palha, vinha ao seu encontro para a segunda aula de jardim, Bigode o recebeu com estas palavras:

— Ah, você está chegando! Nada mau o golpe da cadeia...

Para começar, até que é um belo começo... Tistu sentiu-se um pouco constrangido.

— Se não fosse o senhor, eu nunca ia saber que tinha polegar verde — disse Tistu numa espécie de agradecimento.

Mas Bigode não gostava de transbordamentos.

— Muito bem, muito bem — replicou ele. — Mas você abusou da madressilva. É preciso ter em mente a aristolóquia. É uma trepadeira que dá bem, mas de folha escura. Na próxima vez, insista mais nos volúbeis, que dão uma nota de alegria. Assim, Bigode tornou-se “o conselheiro secreto de Tistu”.

9



no qual os sábios nada descobrem,
mas o próprio Tistu faz uma
descoberta



As pessoas grandes têm a mania de querer, a qualquer preço, explicar o inexplicável.

Ficam irritadas com tudo que as surpreende. E, logo que acontece no mundo algo de novo, obstinam-se em querer provar que essa coisa nova se parece com outra que já conheciam há muito tempo.

Se um vulcão se extingue calmamente como um cigarro, eis logo uma dúzia de sábios com lunetas debruçando na cratera, escutando, cheirando, descendo por meio de cordas, esfolando os joelhos, enchendo tubos de ar, fazendo gráficos, discutindo, em vez de constatar simplesmente: “Este vulcão parou de fumar; deve estar de nariz entupido!”

Afinal, será que já chegaram um dia a explicar como é que os vulcões funcionam?

O mistério da cadeia de Mirapólvora forneceu às pessoas grandes um bom pretexto para se agitarem. Os jornalistas e fotógrafos foram os primeiros a chegar, pois é essa a sua profissão. Ocuparam imediatamente todos os quartos do Hotel dos Embaixadores, o único da cidade.

Em seguida, acorreram de toda a parte, de trem, de avião, de táxi e até de bicicleta, os sábios que se chamam botânicos e que se dedicam a esquartejar as flores, dar-lhes os nomes mais difíceis e fazê-las secar entre mata-borrões, para ver quanto tempo levam até perderem o colorido.

É uma profissão que requer muitos estudos.

Quando os botânicos se reúnem, eles formam um congresso. Havia, portanto, em Mirapólvora um congresso de botânicos. Mas se existe uma infinita variedade de flores, em compensação só conhecemos três espécies de botânicos: os botânicos ilustres, os botânicos afamados e os botânicos eminentes. Eles se cumprimentam chamando-se: “Senhor... Senhor Professor... Meu prezado confrade...”

Como o hotel estava repleto de jornalistas que se recusavam a deixá-lo, foi necessário instalar um acampamento na praça principal. Parecia um circo. Mas bem menos divertido.

Tistu vivia ansioso.

— Se descobrem que fui eu — segredou ao Bigode —, vai ser um deus nos acuda...

— Não te preocupes — respondeu o jardineiro. — Essa gente não sabe fazer nem mesmo um buquê. Aposto os meus bigodes como nada descobrirão!

Com efeito, ao cabo de uma semana, durante a qual examinaram à lente cada flor e cada folha, os sábios continuavam na mesma.



As flores da cadeia não passavam de flores iguais às outras, era preciso reconhecer; sua única extravagância era terem crescido numa noite. Então os sábios começaram a discutir, acusando-se uns aos outros de mentira, fraude e ignorância. E então o acampamento ficou igualzinho a um circo.

Mas um congresso deve sempre terminar com uma declaração oficial. Os botânicos, portanto, acabaram redigindo a sua, cheia de palavras em latim, para que ninguém pudesse entender; falaram de condições atmosféricas particulares, de passarinhos que teriam deixado cair as sementes, e da excepcional fecundidade dos muros da cadeia, resultante de certo uso que os cães de Mirapólvora faziam deles. Em seguida, foram embora para um outro lugar onde haviam descoberto uma cereja sem caroço, e Tistu recuperou a antiga tranquilidade.

E os prisioneiros no meio disso tudo? Vocês devem estar com vontade de saber o que pensavam a respeito.

Pois fiquem sabendo que a surpresa, agitação e emoção dos botânicos nada foram em comparação com o deslumbramento dos prisioneiros.

Como já não viam grades em suas celas, nem arame farpado ou pontas de ferro sobre os muros, esqueceram-se de fugir. Os mais resmungões pararam de reclamar, tão entusiasmados estavam em contemplar o que os cercava; os maus perderam o costume de zangar-se e brigar. A madressilva que brotava nas fechaduras impedia às portas que fechassem, mas os próprios ex-prisioneiros recusaram-se a ir embora, tal o gosto que tomaram pela jardinagem.

E a cadeia de Mirapólvora foi apontada como modelo em todo o mundo.

Quem ficara mais contente? Tistu, é claro. Ele triunfava em segredo.

Mas cansa guardar um segredo.

Quando a gente está feliz, sente vontade de dizê-lo e até mesmo de gritá-lo. Ora, Bigode nem sempre dispunha de tempo para ouvir as confidências de Tistu. Assim ele se acostumou, quando sentia o peso do segredo, a ir conversar com o pônei Ginástico.

As orelhas do Ginástico eram forradas de um belo veludo bege, muito macio. Tistu, ao passar, gostava de dizer-lhe algumas palavras:

— Ginástico, escuta bem o que vou te dizer e não repete a ninguém — disse Tistu certa manhã ao encontrar-se com o pônei.

Ginástico mexeu com a orelha.

— Descobri uma coisa extraordinária — disse Tistu em voz baixa. — As flores não deixam o mal ir adiante.

10



no qual Tistu, de novo com o Sr.
Trovões, recebe uma lição de miséria



É preciso acontecimentos extraordinários para que se deem férias às crianças. Uma cadeia que floresce desperta sem dúvida uma grande surpresa; mas a gente logo se habitua, e acaba achando natural que um gigantesco jardim se eleve em lugar de muros cinzentos.

A gente se habitua a tudo, mesmo às coisas mais estranhas.

E a educação de Tistu voltou a ser em breve a principal preocupação do Sr. Papai e de Dona Mamãe.

— Eu penso que seria bom agora — dizia o Sr. Papai — mostrar-lhe um pouco o que seja a miséria.

— Eemseguidaoquesejaadoença— dizia Dona Mamãe—, para que ele cuide bem da saúde.

— Já que o Sr. Trovões lhe deu uma bela lição de ordem, vamos confiar-lhe também a lição de miséria.

Foi assim que Tistu aprendeu no dia seguinte, conduzido pelo Sr. Trovões, que a miséria mora nas favelas.

Haviam aconselhado a Tistu que vestisse para essa visita uma roupa mais velha.

O Sr. Trovões lançou mão da mais forte voz de trombeta para explicar a Tistu que as favelas ficavam nas margens da cidade.

— As favelas são um flagelo — declarou ele.

— E o que é um flagelo? — perguntou Tistu.

— Um flagelo é uma desgraça grande que atinge muita gente ao mesmo tempo.

O Sr. Trovões já não precisava dizer coisa alguma, pois Tistu já sentia o polegar coçando.

Mas o que o esperava era pior que uma cadeia. Caminhos estreitos, lamacentos, malcheirosos insinuavam-se entre tábuas apodrecidas, juntadas de qualquer jeito. Essas tábuas pareciam formar casebres, mas tão esburacados e oscilantes ao vento que a gente custava a acreditar que conseguissem se manter em pé. As portas eram remendadas com papelão ou

com velhos pedaços de lata.

Ao lado da cidade limpa, de cimento e tijolos, varrida cada manhã, a favela era como se fosse uma outra cidade, repelente, que envergonhava a primeira. Nada de postes, calçadas, vitrinas e caminhões de limpeza urbana.

“Um pouco de relva beberia essa água lamacenta e tornaria os caminhos mais agradáveis; em seguida, volúbeis e clematites em quantidade reforçariam os pobres barracos, quase a desmorronar”, pensava Tistu, cujo polegar em riste ia deixando impressões digitais em todas as feiuras do trajeto.

Nos barracos vivia muito mais gente do que eles podiam conter; essa gente havia de ter, é claro, um mau aspecto. “Vivendo apertados assim uns contra os outros, sem um raio de sol, tornam-se pálidos como as chicórias que o Bigode conserva na adega. Eu não gostaria que me tratassem como um pé de chicória!”

Tistu resolveu fazer crescerem gerânios ao longo das janelas, para que as crianças vissem um pouco de cor.

— Mas por que toda essa gente mora em casinhas de coelho? — perguntou de repente.

— Porque não possuem outra casa, é claro. Isso é uma pergunta idiota — respondeu o Sr. Trovões.

— E por que é que eles não têm outra casa?

— Porque não têm trabalho.

— E por que é que eles não têm trabalho?

— Porque não têm sorte.

— Então, quer dizer que eles não têm coisa alguma?

— Sim, e a miséria é isso.

“Pois amanhã”, disse Tistu consigo, “eles terão ao menos algumas flores.”

Ele viu um homem batendo na mulher e uma criança fugir chorando.

— A miséria torna os homens ruins? — perguntou Tistu.

— Quase sempre — respondeu o Sr. Trovões, que começou a lançar uma fanfarra de terríveis palavras.

De acordo com o seu discurso, a miséria devia ser uma horrível galinha negra, de olhos ferozes, bico adunco, de asas tão grandes quanto o mundo, chocando continuamente horrendos pintinhos. O Sr. Trovões os conhecia

todos pelo nome: havia o pinto-roubo, que se apoderava das carteiras dos transeuntes e assaltava os bancos; o pinto-embriaguez, que tomava um aperitivo atrás do outro e acabava caído na sarjeta; o pinto-vício, sempre à espreita de qualquer coisa desonesta; o pinto-crime, sempre de revólver na mão; o pinto-revolução, sem dúvida o pior de todos...

— Tistu, você não está me ouvindo! — exclamou o Sr. Trovões. — Para começar, pare de encostar o dedo nessas imundícies! Que mania é essa de ficar apalpando todas as coisas? Ponha as suas luvas.

— Eu esqueci as luvas — disse Tistu.

— Recomeçemos nossa lição. Que é preciso para lutar contra a miséria e suas terríveis consequências? Pense um pouco... É preciso uma coisa que começa com a letra O.

— Ouro?

— Não. É preciso *ordem*!

Tistu permaneceu um instante calado. Não parecia muito convencido. E, quando acabou de refletir, ele disse:

— Essa sua ordem, Sr. Trovões, o senhor tem certeza de que ela existe? Eu não acredito.

As orelhas do Sr. Trovões ficaram tão vermelhas, tão vermelhas que já não pareciam orelhas, mas tomates.

— Porque se a ordem existisse — prosseguiu Tistu na maior calma — não haveria miséria.

A nota recebida aquele dia por Tistu não foi das melhores. O Sr. Trovões anotou no caderninho: “Menino distraído e raciocinador. Os sentimentos generosos privam-no do senso da realidade.”

Mas no dia seguinte... Vocês já adivinharam. No dia seguinte, os jornais de Mirapólvora anunciavam uma verdadeira inundação de volúbeis. Os conselhos de Bigode haviam sido tomados ao pé da letra.



Arcos cor do céu velavam a feiura dos barracos, fileiras de gerânios debruavam os caminhos de relva. Os quarteirões deserdados, cuja proximidade era evitada de tão horríveis de se ver, haviam se tornado os mais belos da cidade. As pessoas iam visitá-los como se visita um museu.

Seus habitantes resolveram, então, aproveitar as circunstâncias. Puseram uma borboleta bem à entrada e cobravam cinco cruzeiros. Apareceram assim vários empregos: de guia, de guarda, de fotógrafo e vendedor de cartão-postal.

Juntaram uma fortuna.

Para empregar esse dinheiro, resolveram construir entre as árvores um grande edifício com novecentos e noventa e nove apartamentos muito bonitos, dotados de fogão elétrico, onde os antigos moradores da favela pudessem viver confortavelmente. E, como era preciso muita gente para construí-lo, ninguém mais ficou sem trabalho.

Bigode não se esqueceu de dar os parabéns a Tistu logo que pôde.

— Ah, essa das favelas foi de tirar o chapéu! Mas está faltando ali um pouco de perfume. De outra vez, não esqueça do jasmim. Cresce depressa e é bastante cheiroso.

Tistu prometeu, na próxima vez, caprichar bastante.

II



no qual Tistu resolve ajudar o Dr.
Milmales



Foi ao visitar o hospital que Tistu ficou conhecendo a menina doente.

O hospital de Mirapólvora, graças à generosidade do Sr. Papai, era um belo hospital, muito grande, muito limpo e provido de tudo que fosse preciso para cuidar de um doente. As largas janelas deixavam entrar o sol, e as paredes eram brancas e luzidias. Tistu não achou que o hospital fosse feio; pelo contrário. No entanto ele sentiu... como explicá-lo... ele sentiu que alguma coisa muito triste ali estava escondida.

O Dr. Milmales, diretor do hospital, via-se logo, era um homem muito sábio e muito bondoso. Tistu achou que ele se parecia um pouco com o jardineiro Bigode, um Bigode que não tivesse bigode e que usasse grossos óculos de tartaruga. E Tistu lhe disse o que pensava.

— A semelhança deve decorrer — respondeu o Dr. Milmales — de Bigode e eu termos uma tarefa parecida: ele cuida da vida das flores, eu, da vida das pessoas.

Mas cuidar da vida das pessoas era imensamente mais difícil; Tistu logo o compreendeu, só de ouvir o Dr. Milmales. Ser médico era travar uma batalha ininterrupta. De um lado, a doença, sempre a entrar no corpo das pessoas; do outro, a saúde, sempre querendo ir embora. E depois havia mil espécies de doenças e uma única saúde. A doença usava todo tipo de máscara para que não a pudessem reconhecer: um verdadeiro carnaval. Era preciso desmascará-la, desanimá-la, pô-la para fora, e ao mesmo tempo atrair a saúde, segurá-la, impedi-la de fugir.

— Você já esteve doente, Tistu? — perguntou o Dr. Milmales.

— Nunca, doutor.

— Nunca mesmo?

Realmente, o doutor não se lembrava de que o tivessem chamado por causa de Tistu, enquanto Dona Mamãe tinha muitas enxaquecas e o Sr. Papai sofria às vezes do estômago. O criado Cárolo tivera uma bronquite no último inverno. Mas Tistu, nada de nada. Eis um garoto que desde o nascimento não sabia o que fosse varicela, angina, resfriado... Um caso raro de saúde perfeita!

— Eu lhe agradeço muito a lição que me deu, Dr. Milmales; ela me interessa muito — disse Tistu.

O Dr. Milmales mostrou a Tistu a sala onde se preparavam pequenas pílulas cor-de-rosa contra tosse, pomada amarela contra bolhas e pós branquicentos contra febre. Mostrou-lhe a sala onde a gente pode olhar através do corpo de uma pessoa como através de uma janela, para ver onde a doença se escondeu. E mostrou-lhe também a sala com teto de espelho, onde se cura apendicite e tanta coisa que ameaça a vida.

“Se aqui impedem o mal de ir adiante, tudo devia parecer alegre e feliz”, pensava Tistu. “Onde estará escondida a tristeza que estou sentindo?...”

O Dr. Milmales abriu a porta do quarto da menininha doente.

— Vou deixar você aqui, Tistu. Venha depois até meu escritório.

Tistu entrou.

— Bom dia — disse ele à menininha doente.

Ela lhe pareceu muito bonita, mas extremamente pálida. Seus cabelos negros se desenrolavam pelo travesseiro. Teria mais ou menos a idade de Tistu.

— Bom dia — respondeu polidamente, sem mover a cabeça. Seus olhos estavam pregados no teto.

Tistu sentou-se perto da cama, com o chapéu branco sobre os joelhos.

— O Dr. Milmales me disse que as suas pernas não andavam. Será que já melhorou no hospital?

— Não — respondeu a menina, sempre muito polida —, mas isso não tem importância.

— Por quê? — perguntou Tistu.

— Porque não tenho lugar nenhum para ir.

— Pois eu tenho um jardim — disse Tistu, para dizer qualquer coisa.

— Você tem muita sorte. Se eu tivesse um jardim, talvez sentisse vontade de sarar para passear entre as flores.

Tistu logo olhou para o seu polegar, pensando: “Se o problema é esse...”

Mas perguntou ainda:

— Você não se aborrece muito nessa cama?

— Não muito. Fico olhando o teto. Conto os buraquinhos. “Flores seria

muito melhor”, pensou Tistu. E se pôs a chamar interiormente: “Papoulas, papoulas!... Botões-de-ouro, margaridas, junquinhos!”

As sementes entraram pelas janelas, a não ser que Tistu as tenha trazido nos sapatos.

— Mas, em todo caso, você não se sente infeliz?

— Para a gente saber se é infeliz, é preciso primeiro ter sido feliz. Eu já nasci doente.

Tistu compreendeu que a tristeza do hospital estava escondida nesse quarto, na cabeça da menina. Ele também estava ficando muito triste.

— Você recebe visitas?

— Muitas. De manhã, antes do almoço, a Irmã Termômetro.

Depois vem o Dr. Milmales; ele é muito bonzinho, conversa comigo e me faz um agrado. À hora do almoço, chega a Irmã Pílula. Depois, com a merenda, entra a Irmã Injeção Que Dói. E, por fim, vem um moço de branco, que acha que as minhas pernas estão melhor. Amarra uma cordinha em cada uma para que elas possam se mover. Todos eles dizem que eu vou sarar. Mas eu prefiro ficar olhando o teto, que não me prega mentiras.

Enquanto ela falava, Tistu se tinha levantado e entrara rapidamente em ação em torno da cama.

“Para essa menina sarar”, pensava ele, “é preciso que ela deseje ver o dia seguinte. Uma flor, com sua maneira de abrir-se, de improvisar surpresas, poderia talvez ajudá-la... Uma flor que cresce é uma verdadeira adivinhação, que recomeça cada manhã. Um dia ela entreabre um botão, num outro desfralda uma folha mais verde que uma rã, num outro desenrola uma pétala... Talvez essa menina esqueça a doença, esperando cada dia uma surpresa...”

O polegar de Tistu não tinha descanso.

— Pois eu acho que você vai sarar — disse ele.

— Você também acha?



— Acho sim. Tenho certeza. Até logo!

— Até logo! — respondeu polidamente a menina doente.

— Você tem a sorte de ter um jardim...

O Dr. Milmales esperava Tistu atrás de sua grande mesa niquelada, repleta de livros.

— Então, Tistu — perguntou ele —, que foi que você aprendeu? Que sabe de medicina?

— Aprendi — respondeu Tistu — que a medicina não pode quase nada contra um coração muito triste. Aprendi que para a gente sarar é preciso ter vontade de viver. Doutor, será que não existem pílulas de esperança?

O Dr. Milmales ficou espantado com tanta sabedoria num garoto tão pequeno.

— Você aprendeu sozinho a primeira coisa que um médico deve saber.

— E qual é a segunda, doutor?

— É que para cuidar direito dos homens é preciso amá-los bastante.

Ele deu um punhado de caramelos a Tistu e pôs uma boa nota em seu caderno.

Mas o Dr. Milmales ficou ainda mais espantado no dia seguinte, quando entrou no quarto da menina.

Ela sorria: tinha despertado em pleno campo.

Narcisos brotavam em torno da mesa de cabeceira, os cobertores eram um edredom de pervincas, a grama crescia no tapete. E finalmente a flor, a

flor em que Tistu se desvelara, uma esplêndida roseira, que não parava de se transformar, de abrir uma folha ou um botão, e que subia pela cabeceira da cama, ao longo do travesseiro. A menina já não olhava o teto; ela contemplava a flor. De noite, suas pernas começaram a mover-se. A vida era boa.

I2



no qual o nome de Mirapólvora se
transforma



Vocês pensam talvez que as pessoas grandes já começassem a desconfiar de alguma coisa, fazendo este raciocínio tão simples: “É sempre nos lugares em que Tistu passou na véspera que as flores misteriosas aparecem. Logo, deve ser Tistu. Vamos vigiá-lo!”

Mas vocês pensam isso porque sabem que Tistu tinha polegar verde. As pessoas grandes, como já disse, têm ideias preestabelecidas e nunca imaginam que possa existir outra coisa além daquilo que já sabem.

De vez em quando, surge um cavalheiro que revela um pedaço do desconhecido. Começam por lhe rir na cara. Algumas vezes, levam-no para a cadeia, porque ele perturba a ordem do Sr. Trovões. Mais tarde, quando descobrem que tinha razão e já está morto, erguem-lhe uma estátua. É o que se chama um gênio.

Não havia em Mirapólvora aquele ano nenhum gênio que pudesse explicar o inexplicável. E a Câmara Municipal se achava desatinada.

A Câmara Municipal é como a criada de uma cidade. Deve cuidar da limpeza das calçadas, determinar os locais onde as crianças podem brincar, os mendigos pedir esmola e os ônibus recolherem-se durante a noite. Nada de desordem. Sobretudo isto: nada de desordem.

Mas a desordem se instalara em Mirapólvora. Já não era possível prever, da noite para o dia, o local de um quarteirão ou de um jardim. As flores subiam pela cadeia, escondiam as favelas, alastravam-se no interior de um hospital! Se uma Câmara Municipal fosse inclinar-se diante de uma fantasia dessas, uma cidade deixaria de ser uma cidade. Uma bela manhã, a catedral cismaria de transportar-se para outra praça, e os ônibus mudariam de percurso para respirar o perfume dos campos, ou desceriam até o rio para refrescar-se um pouco...

Não, não e não!, gritavam os vereadores de Mirapólvora, reunidos em sessão extraordinária.

Falava-se até em arrancar todas as flores.

O Sr. Papai pediu a palavra. O Sr. Papai era muito ouvido na Câmara. E

deu provas, mais uma vez, de decisão e energia.

— Meus senhores — disse ele —, fazeis mal em zangarvos. Aliás é sempre perigoso zangar-se com aquilo que não se compreende. Nenhum de nós conhece as causas dessas florações repentinas. Arrancar as flores? Quem pode garantir que não brotem de novo? Por outro lado, somos forçados a reconhecer que essas florações são mais úteis que nocivas. Já nenhum prisioneiro tenta fugir da cadeia. As favelas se transformaram num próspero bairro. As crianças do hospital estão todas sarando. Por que nos irritarmos? Coloquemos as flores na nossa jogada e procedamos de modo a comandar os acontecimentos em vez de irmos a reboque dos mesmos.

— Isso mesmo, isso mesmo, isso mesmo! — gritaram os vereadores. — Mas como fazê-lo?

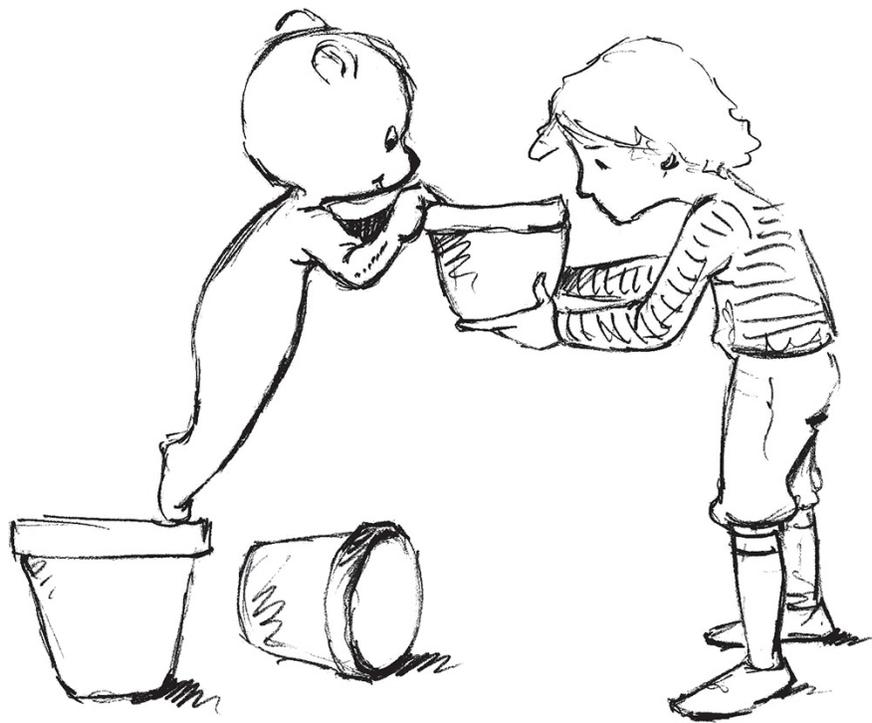
O Sr. Papai prosseguiu seu discurso:

— Eu vos proponho uma solução ousada. É preciso mudarmos o nome da nossa cidade e passarmos a chamá-la, de agora em diante, em vez de Mirapólvora, Miraflores. Com semelhante nome, quem poderá se espantar com o fato de brotar flor por toda a parte? E se amanhã o campanário da igreja se transformar numa *corbeille* de antúrios, daremos a impressão de ter previsto esse embelezamento há muito tempo em nossos planos de obra.

— Perfeito, bárbaro, genial! — urraram os vereadores, saudando o Sr. Papai com estrondosa salva de palmas.

Assim, no dia seguinte, pois não havia tempo a perder, organizou-se um soberbo cortejo com todos os membros da Câmara Municipal, precedidos pela banda de música, por meninos endomingados conduzidos por dois padres, por uma delegação de avós que representavam a sabedoria, pelo Dr. Milmales, representando a ciência, por um juiz, representando a lei, por dois professores, representando a literatura, e por um oficial da reserva, uniformizado, representando o exército. Foram até a estação. Ali, sob as aclamações da multidão em júbilo, inauguraram a nova tabuleta, onde se lia em letras douradas: miraflores.

Foi um grande dia.



I3



no qual se procura distrair Tistu



Dona Mamãe estava ainda mais preocupada que os vereadores municipais, mas por outras razões. O seu Tistu já não era o mesmo.

O sistema de educação imaginado pelo Sr. Papai o tornara extremamente sério. Passava horas e horas calado.

— Em que é que você está pensando, Tistu? — perguntou-lhe um dia Dona Mamãe.

Tistu respondeu:

— Estou pensando que o mundo podia ser bem melhor do que é.

Dona Mamãe fez uma cara zangada.

— Isso não são ideias para a sua idade. Vai brincar com o Ginástico.

— O Ginástico pensa a mesma coisa — disse Tistu. Dessa vez Dona Mamãe não se conteve:

— É o cúmulo! — exclamou. — As crianças de hoje vão consultar os pôneis!

Ela falou sobre o assunto com o Sr. Papai; ele achou que o menino precisava de distrações.

— O pônei, o pônei... está bem. Mas é preciso que não veja sempre os mesmos animais. Vamos mandá-lo ao Jardim Zoológico. Mas ali também uma desagradável surpresa esperava Tistu.

Ele imaginara o Jardim Zoológico como um lugar feérico onde os animais se apresentassem espontaneamente à admiração dos visitantes, uma espécie de paraíso de animais: a jiboia fazia ginástica em volta da perna da girafa, o canguru meteria o ursinho no bolso para levá-lo a passeio... Os jaguares, búfalos, rinocerontes, aves-do-paraíso, papagaios e micos, imaginava-os circulando entre toda espécie de árvores e plantas maravilhosas, como a gente vê nos livros de figuras.

Em vez disso, só encontrou no Jardim Zoológico velhas jaulas, onde leões sem pelo dormiam tristemente diante das gamelas vazias, onde os tigres estavam fechados com os tigres, os macacos com os macacos. Para dar um pouco de conforto a uma pantera que descrevia círculos atrás das grades,

tentou oferecer-lhe um cachorro-quente. O guarda não deixou.

— É proibido, menino! — gritou o guarda zangado. — Mantenha-se a distância. São animais ferozes.

— De onde vieram? — perguntou Tistu.

— De muito longe. Da África, da Ásia, nem sei de onde!

— Perguntaram a eles se queriam vir para cá?

O guarda deu de ombros e se afastou, resmungando que zombavam dele.

Mas Tistu pusera-se a pensar. Achava primeiro que o guarda não devia ocupar-se daquele trabalho, uma vez que não gostava dos animais que lhe haviam sido confiados. Pensava também que os animais deviam ter trazido entre seus pelos algumas sementes dos seus países, espalhando-as em volta deles.

A nenhum guarda do Jardim Zoológico ocorre impedir que um menino esfregue o polegar no chão. Julgam simplesmente que o garoto gosta de espojar-se no pó.

Foi por isso que alguns dias depois um imenso baobá se erguia no cercado dos leões, macacos saltavam de um cipó ao outro, nenúfares boiavam no tanque do crocodilo. O urso tinha o seu pinheiro e o canguru sua savana; as garças e os flamingos cor-de-rosa caminhavam entre os caniços; pássaros de toda cor cantavam entre os maciços de jasmims. O Jardim Zoológico de Mirapólvora tornara-se o mais belo do mundo, e os vereadores logo o comunicaram às agências de turismo.

— Então você agora está trabalhando até com plantas tropicais? Essa é forte, meu filho! — declarou Bigode a Tistu a primeira vez que se encontraram.

— Foi tudo o que pude fazer por aqueles pobres animais, que estavam tão aborrecidos longe de seus países! — respondeu Tistu.

As feras, aquela semana, não comeram um só guarda.



I4



no qual Tistu, a propósito da guerra,
faz a si próprio novas perguntas



Quando os grandes falam em voz alta, as crianças não os ouvem.

— Você está me ouvindo, Tistu?

E Tistu respondia que sim com a cabeça, para parecer obediente, mas não estava prestando a mínima atenção.

Mas quando as pessoas grandes começam a falar em voz baixa e a dizer segredos, logo os meninos apuram o ouvido e procuram escutar justamente aquilo que não lhes queriam dizer. Nesse ponto são todos iguais e Tistu não fazia exceção.

Havia alguns dias que todo mundo cochichava em Mirapólvora. Pairava segredo no ar, e até nos tapetes da Casa-que-Brilha.

O Sr. Papai e Dona Mamãe soltavam longos suspiros ao lerem os jornais.

O criado Cárolo e a cozinheira Siá Amélia sussurravam junto à máquina de lavar pratos. E até o Sr. Trovões parecia ter perdido seu vozeirão de trombeta.

Tistu apanhava em pleno voo palavras de mau aspecto.

— Tensão... — dizia o Sr. Papai em voz soturna.

— Crise... — respondia Dona Mamãe.

— Agravamento, agravamento... — acrescentava o Sr. Trovões.

Tistu julgou que se falava de uma doença, ficou muito preocupado, e saiu de polegar em riste a procurar o enfermo pela casa.

Uma volta pelo jardim mostrou-lhe que se enganara. Bigode estava em forma, os puros-sangues cavalgavam pela relva, Ginástico vendia saúde.

Mas no dia seguinte uma outra palavra estava em todas as bocas.

— Guerra... Era inevitável! — constatava o Sr. Papai.

— Guerra... Pobre humanidade! — lamentava Dona Mamãe, balançando a cabeça tristemente.

— Guerra... Mais uma! — frisava o Sr. Trovões. — Resta saber quem vai ganhar.

— Guerra... Que desgraça! Quando é que isso vai acabar!

— gemia Siá Amélia, quase chorando.

— Guerre... outra vez! — repetia o criado Cárola, que tinha, vocês já sabem, um leve sotaque estrangeiro.

Como só se falava em voz baixa, Tistu entendeu que a guerra devia ser uma coisa feia, uma doença de gente grande, pior que a embriaguez, mais cruel que a miséria, mais perigosa que o crime. O Sr. Trovões já lhe falara um pouco da guerra, mostrando-lhe o monumento aos mortos de Mirapólvora. Mas o Sr. Trovões falara com voz tão forte que Tistu não entendeu direito.

Tistu não tinha medo. Estava longe de ser um poltrão. Podíamos achá-lo até um pouco imprudente. Vocês já viram como ele faz o corrimão de tobogã. Quando ia à piscina, era preciso impedi-lo de atirar-se dez vezes seguidas do trampolim dos campeões. Tomava um impulso e zás... ei-lo no ar, de braços abertos, dando o salto do anjo. Trepava em árvore como macaco, chegando aos últimos galhos, para colher cerejas que ninguém mais alcançava. Nem sabia o que fosse vertigem. Não, francamente, Tistu não era medroso.

Mas a ideia que ele fazia da guerra não tinha nada a ver com a coragem ou o medo. Era, simplesmente, uma ideia intolerável.

Quis informar-se melhor. A guerra seria mesmo tão horrível como imaginava? Naturalmente foi Bigode o primeiro que ele consultou.

— Sr. Bigode, será que não venho incomodá-lo? — perguntou ao jardineiro, que podava a grama.

Bigode largou a tesoura.

— Absolutamente, meu filho.

— Sr. Bigode, o que é que o senhor pensa da guerra? O jardineiro fez uma cara espantada.

— Sou contra! — respondeu ele, alisando os bigodes.

— Por que é que o senhor é contra?

— Porque... porque uma guerrinha à toa pode aniquilar um grande jardim.

— Aniquilar? Que quer dizer aniquilar?

— Quer dizer destruir, suprimir, reduzir a pó...

— Será possível? E o senhor já viu — prosseguiu Tistu —, já viu com seus olhos jardins aniquilados pela guerra?

Ele mal podia acreditar. Mas o jardineiro não estava brincando. Tinha

baixado a cabeça, franzido as sobrancelhas e retorcia o bigode entre os dedos.

— Antes não tivesse visto! — respondeu ele. — Vi morrer em dois minutos um jardim repleto de flores. Vi estufas saltarem em estilhaços de cristal. E tantas bombas semeadas pelo jardim que já ninguém ousaria cultivá-lo! Até a terra estava morta.

Tistu sentia um nó na garganta.

— E de quem era esse jardim? — perguntou ele.

— Era meu... — respondeu Bigode, dando-lhe as costas para esconder seu sofrimento e retomar a tesoura.

Tistu ficou um instante calado. Estava pensando. Procurou imaginar o jardim, em torno dele, destruído como o de Bigode, com as estufas em estilhaços e a terra interdita para as flores... Lágrimas vieram-lhe aos olhos.

— Pois eu vou contar isso a todo mundo! — exclamou ele.

— É preciso que todos saibam. Vou contar a Siá Amélia, vou contar ao Cárolo...

— Ah, o Cárolo é ainda mais digno de pena do que eu! Ele perdeu o seu país.

— O seu país? Perdeu o seu país na guerra? Como é possível?

— Sim, foi isso mesmo. Seu país desapareceu por completo. Nunca mais o encontrou. Por isso é que ele está aqui.

“Bem que eu pensava que a guerra era uma coisa horrível”, disse Tistu consigo mesmo. “Pois a gente pode perder um país como quem perde um lenço.”

— E há uma coisa pior ainda — acrescentou Bigode. — Você falou na Amélia, a cozinheira. Pois a Amélia, coitada, perdeu o filho. Outros perdem um braço, uma perna, ou então perdem a cabeça. Numa guerra, todo mundo perde alguma coisa.



Tistu achou que a guerra seria a maior, a mais terrível desordem que há no mundo, pois cada um perde aquilo que mais estima.

“Que será que a gente podia fazer para não deixar a guerra passar?...”, perguntava a si próprio. “O Sr.Trovões deve ser contra a guerra, porque ele detesta a desordem. Amanhã vou falar com ele.”

I5



no qual Tistu tem uma aula de
geografia, seguida de uma de fábrica,
e no qual o conflito entre os Voulás e
os Vaitimboras se estende de modo
imprevisto



O Sr. Trovões estava sentado atrás de sua mesa. Recuperara a voz de trombone e trovejava em três telefones ao mesmo tempo. O Sr. Trovões, via-se logo, estava ocupadíssimo.

— É sempre assim quando estoura a guerra em algum ponto do mundo — disse a Tistu. — Em Mirapólvora temos o dobro do trabalho.

Por isso é que Tistu tinha observado que a sirene da fábrica tocara duas vezes mais que de costume e os operários eram duas vezes mais numerosos. As nove chaminés lançavam tanta fumaça que o céu tinha ficado escuro.

— Então eu volto quando o senhor estiver menos ocupado

— disse Tistu.

— O que é que você queria perguntar?

— Eu queria saber onde foi que essa guerra estourou.

O Sr. Trovões levantou-se, levou Tistu para junto de um grande globo terrestre, que fez girar, e colocou o dedo bem no meio.

— Você está vendo este deserto? — disse ele. — Pois foi aqui.

Tistu viu, sob o dedo do Sr. Trovões, uma pequena mancha cor-de-rosa, que parecia uma pastilha.

— Por que foi que a guerra se meteu aí, Sr. Trovões?

— É muito fácil de entender.

Quando o Sr. Trovões dizia que qualquer coisa era fácil de entender, Tistu ficava desconfiado; geralmente era muito complicado. Mas dessa vez Tistu estava resolvido a escutar direitinho.

— É muito fácil — repetiu o Sr. Trovões. — Esse deserto não pertence a ninguém...

“A ninguém”, repetiu Tistu interiormente.

— ...Mas à direita se encontra a nação dos Voulás e à esquerda a nação dos Vaitimboras.

“Vou-lás... Vai-tim-bo-ras...”, repetiu de novo Tistu; ele estava mesmo muito atento.

— ...Ora, há algum tempo os Voulás anunciaram que queriam esse

deserto; os Vaitimboras responderam que também queriam. Os Voulás se instalaram numa ponta e os Vaitimboras na outra. Os Voulás enviaram um telegrama aos Vaitimboras, dizendo-lhes que se retirassem. Os Vaitimboras replicaram pelo rádio que proibiam os Voulás de permanecerem onde estavam. Agora os dois exércitos estão em marcha. E, quando se encontrarem, travarão o combate.

— O que é que há nessa pastilha cor-de-rosa... isto é, nesse deserto? Jardins? — perguntou Tistu.

— Claro que não, se é um deserto! Ali não há coisa alguma.

Só mesmo pedras...

— Então essa gente vai brigar por causa dessas pedras?

— Eles querem o que está por baixo.

— Debaixo do deserto? E o que é?

— Petróleo.

— Por que querem eles essa coisa chamada petróleo?

— Para que os outros não o tenham. Querem esse petróleo porque o petróleo é indispensável numa guerra.

Tistu bem sabia que as explicações do Sr. Trovões acabavam ficando difíceis!

Fechou os olhos para pensar melhor.

“Se compreendi direito, os Voulás e os Vaitimboras estão em guerra por causa do petróleo, porque o petróleo é indispensável para a guerra.” Abriu de novo os olhos.

— Mas isso é uma tolice! — declarou ele.

As orelhas do Sr. Trovões ficaram escarlates.

— Tistu, será que você quer um zero?

— Não — respondeu Tistu. — O que eu queria é que os Voulás e os Vaitimboras não entrassem em combate.

Essa demonstração de bons sentimentos acalmou provisoriamente a cólera do Sr. Trovões.

— Isso é claro, isso é claro — disse ele dando de ombros.

— Ninguém jamais quis a guerra... Mas sempre existiu...

“O que é que eu poderia fazer?...”, pensava Tistu. “Colocar meu polegar

na pastilha cor-de-rosa?”

— É muito longe esse deserto? — perguntou ele.

— Fica no meio do caminho que vai daqui à outra metade da Terra.

— Então a guerra não pode chegar até Mirapólvora.

— Impossível não é. A gente sabe onde uma guerra começa, mas nunca onde vai parar. Os Voulás podem chamar em seu auxílio um grande país, e os Vaitimboras pedir a ajuda de um outro. E os dois grandes países entrarão em guerra. É o que se chama uma extensão do conflito.

A cabeça de Tistu rodava como um motor.

“Afinal, a guerra é uma espécie de tiririca que se alastra pelo globo... Com que espécie de plantas poderíamos combatê-la?”

— Agora, você vai acompanhar-me à fábrica — disse o Sr. Trovões. — Você irá vê-la no auge da produção. Será uma ótima aula.

Ele gritou algumas ordens nos seus três telefones e desceu em companhia de Tistu.

Este, logo que chegou, ficou surdo de tanto barulho. Os martelos automáticos batiam com toda a força, as máquinas roncavam como milhões de piorras.

Era preciso gritar para fazer-se ouvir, mesmo que a gente tivesse a voz do Sr. Trovões.

Tistu também ficou cego com os repuxos de faíscas que irrompiam de toda a parte. O aço corria pelo chão como riachos incandescentes. Fazia um calor insuportável, e os homens pareciam minúsculos e negros.

Após a oficina de fundição, Tistu visitou as de polimento, de torno, de montagem, bem como as de fuzis, metralhadoras, tanques, caminhões etc. Porque a fábrica do Sr. Papai fabricava tudo o que se relacionasse com guerra, armas e munições.

O dia seguinte era dia de entrega, e embalava-se o material com tanta precaução como se fosse porcelana.

Finalmente o Sr. Trovões mostrou a Tistu dois enormes canhões, compridos como torres de catedral, e tão brilhantes que pareciam untados de manteiga.

Suspensos em correntes, os canhões deslizavam lentamente pelo ar;

depois foram depositados devagarinho, devagarinho em reboques de caminhões que pareciam não ter fim.

— São esses canhões, Tistu, que fazem a riqueza de Mirapólvora! — exclamou com orgulho o Sr. Trovões. — Podem demolir, a cada tiro, quatro casas tão grandes como a sua.

Essa notícia não pareceu inspirar a Tistu o mesmo orgulho. “Então”, pensou ele, “a cada tiro de canhão quatro Tistus sem casa, quatro Cárolos sem escada, quatro Amélias sem cozinha... Então é com essas máquinas que se perde o jardim, o país, a perna ou alguém da família... Essa é a verdade!”

E os martelos a baterem, as forjas a esquentarem.

— O senhor é a favor de quem, Sr. Trovões? — perguntou

Tistu, fazendo grande esforço para ser ouvido naquele alarido que os cercava.

— O quê?

— Estou perguntando, o senhor é a favor de quem nessa guerra?

— Dos Voulás! — gritou o Sr. Trovões.

— E papai?

— Também.

— Por quê?

— Porque são nossos amigos há muito tempo.

“É claro”, disse Tistu consigo mesmo, “se a gente tem amigos que são atacados, deve ajudá-los a se defenderem.”

— Então esses canhões vão para os Voulás? — prosseguiu ele.

— Só o da direita! — gritou o Sr. Trovões. — O outro é para os Vaitimboras.

— Como para os Vaitimboras? — disse Tistu indignado.

— Porque eles também são bons fregueses.

Assim um canhão de Mirapólvora ia atirar contra um outro canhão de Mirapólvora, e demolir um jardim tanto de um lado como de outro!

— É o comércio... — acrescentou o Sr. Trovões.

— Pois então, eu acho abominável o seu comércio!

— O quê? — perguntou o Sr. Trovões abaixando-se, porque o barulho dos martelos abafava a voz de Tistu.

— Eu estou dizendo que o seu comércio é abominável, porque...

Uma vasta bofetada o interrompeu. O conflito entre os Voulás e os Vaitimboras acabava de se estender de repente até a face de Tistu.

“Eis o que é a guerra! A gente pede uma explicação, diz o que pensa e zás, recebe uma bofetada. E se eu te fizesse brotar urtiga no fundo das calças, quero ver o que você fazia!”, pensava Tistu, com os olhos cheios de lágrimas olhando o Sr. Trovões. “Sim, urtigas ou cardos...”

Ele mal continha o polegar... E foi assim que a ideia, a sua grande ideia lhe veio.

A aula de fábrica, vocês já previram, terminou nesse ponto. Tistu ganhou um duplo zero, o Sr. Trovões logo o comunicou ao Sr. Papai, que ficou muito desgostoso. Seu Tistu, que devia lhe suceder e tornar-se o dono de Mirapólvora, demonstrava realmente poucas disposições para dirigir tão bela empresa.

— É preciso que eu converse com ele seriamente — disse o Sr. Papai. — Onde está ele?

— Foi se refugiar junto ao jardineiro, como de costume — respondeu o Sr. Trovões.

— Bem, veremos isso mais tarde. Por ora, terminemos as embalagens.

Por causa da urgência das entregas, a fábrica funcionava sem parar. As nove chaminés coroavam-se a noite toda de grandes halos vermelhos.



Ora, aquela noite o Sr. Papai, que não tivera tempo de jantar e fiscalizava o trabalho das várias oficinas do alto de uma pequena torre envidraçada, teve uma agradável surpresa. Seu Tistu voltara à fábrica e passava lentamente ao longo das caixas de fuzis, subia nos caminhões, debruçava-se sobre os

motores, esgueirava-se entre os imensos canhões.

“Tistu é fantástico!”, pensou o Sr. Papai. “Está se esforçando para recuperar os pontos perdidos com seu duplo zero... Não se deve perder a esperança!”

Tistu, realmente, jamais parecera tão sério e tão atarefado. Estava de cabelo em pé. A cada instante tirava do bolso pequenos pedaços de papel.

“Parece até que está tomando notas”, observou o Sr. Papai. “Queira Deus que ele não prenda o dedo, ao enfiá-lo assim nas metralhadoras. Ora, é um bom menino, que reconhece logo os seus erros...”

O Sr. Papai ia ter outras surpresas.

I6



no qual se sucedem as mais
espantosas notícias



Todo mundo sabe que os jornais só falam de guerra usando letras maiúsculas. Essas letras ficam enfileiradas num armário especial. E era justamente diante desse armário de maiúsculas que o diretor de *O Relâmpago de Mirapólvora*, diário bem conhecido, sofria terríveis hesitações.

Ia e vinha, suspirava, enxugava a fronte, o que é sempre sinal de emoção e perplexidade. O homem estava muito contrariado.

Mal pegava uma grande maiúscula, dessas que são reservadas para as grandes vitórias, logo a punha de lado. Ora escolhia uma das maiúsculas médias, que servem para as guerras que se arrastam, para as expedições que não terminam, para as retiradas imprevistas. Mas essa maiúscula também não servia: voltava para o armário.

Num certo momento, pareceu decidir-se pelas pequenas letras capitais, que se usam para as notícias que põem todo mundo de mau humor, como: “Novo imposto sobre as compotas”, ou: “Falta de água por dois dias”. Mas essas letras também não resolviam o caso. E o diretor de *O Relâmpago* suspirava cada vez mais fundo. Realmente, era um homem no auge da contrariedade.

Ele devia anunciar aos habitantes de Mirapólvora, seus fiéis leitores, uma notícia tão inesperada e de tão graves consequências que não sabia como se arranjar. A guerra entre os Voulás e os Vaitimboras havia fracassado. E quem poderá convencer o público de que uma guerra possa parar de repente, sem vencedores, sem vencidos, sem conferências internacionais, sem nada de nada?

Ah, o pobre diretor teria gostado de imprimir, em toda a extensão da primeira página, um título sensacional, como, por exemplo: “Fulminante avanço dos Voulás” ou “Irresistível ataque das tropas Vaitimboras”.

Mas isso era impossível. Os repórteres enviados até a pastilha cor-de-rosa eram categóricos: a guerra não acontecera, e seu fracasso punha em questão a qualidade das armas fornecidas pela fábrica de Mirapólvora, assim como a competência técnica do Sr. Papai, de suas oficinas e de todo o pessoal.

Em suma, tratava-se de um verdadeiro desastre! Experimentemos, com o diretor de *O Relâmpago*, reconstituir o desenrolar dos trágicos acontecimentos.

Plantas trepadeiras e colantes se tinham enraizado nas caixas de armamento! Como se meteram lá? Por que razão? Ninguém podia explicá-lo.

A hera, a briônia, a campanilha e a erva-de-passarinho formavam em volta das metralhadoras e dos revólveres um espesso emaranhado, que o visgo do meimendo negro vinha agravar.

Essas caixas, tanto os Voulás como os Vaitimboras acabaram desistindo de recuperá-las.

Os repórteres, nos seus relatórios, frisavam a ação particularmente nociva da bardana, erva medicinal cujos bagos vermelhos são munidos de ganchos. A bardana se alastrara pelas baionetas. Que fazer com fuzis que desabrochavam, com baionetas que não mais espetavam, e que os mais belos buquês privavam de toda eficácia? Só jogando no lixo.

Igualmente inaproveitáveis os magníficos caminhões, tão conscienciosamente listrados de cinza e amarelo! Espinheiros, carrapichos e urtigas de toda espécie brotavam fartamente nos assentos, provocando imediata urticária nos motoristas. Foram eles, aliás, as únicas vítimas da guerra. As brancas enfermeiras condenaram à imobilidade e às compressas mornas esses pobres soldados, que cruéis comichões impediam de sentar.

Situa-se aqui o lastimável incidente causado por uma espécie de não-me-toques. Que uma humilde flor do campo possa desencadear o pânico entre combatentes, isto se explica facilmente, quando sabemos que é provida de cápsulas que explodem ao menor contato.

Os motores estavam repletos dessa planta, que pululava no carburador das autometralhadoras e no reservatório das motocicletas. Mal se dava partida, à menor pressão no acelerador produziram-se e propagaram-se surdas explosões, que não causaram o mais leve dano, mas abalaram fortemente o moral das tropas.

Passemos aos tanques. Tinham as torres bloqueadas. Roseiras-bravas, às quais se misturavam a madressilva e as buganvílias, lançavam raízes, cachos, pedúnculos e ramos espinhentos em torno das engrenagens. Os tanques,

portanto, estavam também fora de combate.

Nem um só aparelho fora poupado pela misteriosa invasão! Surgiam plantas por todo lado, plantas teimosas, ativas, como que dotadas de vontade própria.

Nas máscaras contra gases desenvolvia-se a aquileia esternutatória. O repórter de *O Relâmpago* garantia que a um metro dessas máscaras as pessoas já se punham a espirrar cerca de cinquenta espirros.

Ervas malcheirosas se alojavam no interior dos porta-vozes. Os oficiais tiveram de renunciar a essas cornetas onde cresciam arruda e alho-de-urso.

Mudos, imóveis, impotentes, os dois exércitos haviam estacado, um diante do outro.

As más notícias voam. O Sr. Papai já estava a par de tudo, e bem imaginamos em que estado de desespero. Suas armas florescia como acácias na primavera.

Mantinha-se em constante contato com o diretor de *O Relâmpago*, que lhe fazia a leitura, pelo telefone, dos mais pungentes telegramas... Só restava uma esperança: os canhões, os famosos canhões de Mirapólvora.

Pois, como dizia o Sr. Papai, dois exércitos imobilizados podem ainda entrar em combate, desde que disponham de bons canhões.

Esperou-se até à noite. Um último telegrama desfez todas as ilusões.



Os canhões de Mirapólvora haviam atirado, não resta dúvida, mas haviam

atirado flores.

Uma chuva de amores-perfeitos, papoulas e miosótis abatera-se sobre os contingentes dos Voulás, que haviam respondido inundando os Vaitimboras de gerânios, margaridas e beijos. Um general tivera o quepe arrebatado por um buquê de violetas.

Não se conquista um país com rosas, e as batalhas de flores nunca foram levadas a sério.

A paz foi imediatamente concluída entre os Voulás e os Vaitimboras. Os dois exércitos se retiraram, e o deserto cor de pastilha cor-de-rosa foi devolvido ao seu céu, à sua solidão e à sua liberdade.

I7



no qual Tistu corajosamente
denuncia a si próprio



Há silêncios que despertam. Tistu saltou da cama aquela manhã porque a grande sirene não tocou. Foi à janela. A fábrica de Mirapólvora estava parada; as nove chaminés não fumegavam. Tistu correu ao jardim. Sentado em seu carrinho de mão,

Bigode lia o jornal, coisa que raramente acontecia.

— Ah, você está aqui! — exclamou ele. — Em matéria de trabalho bem-feito, não podia ter sido melhor. Nunca teria imaginado que fosse tão bem-sucedido!

Bigode irradiava alegria. Ele beijou Tistu, isto é, envolveu-lhe a cabeça com seus bigodes.

Depois, com a ligeira melancolia dos homens que terminaram sua tarefa, Bigode acrescentou:

— Já não tenho mais nada a lhe ensinar. Você sabe mais do que eu, e anda mais rápido.

Vindo de um mestre como Bigode, esse elogio aqueceu o coração de Tistu.

Do lado das cavaliças, Tistu encontrou Ginástico.

— Que maravilha! — soprou-lhe Tistu na orelha bege. — Fiz parar, com flores, uma guerra...

O põnei não pareceu nada surpreso.

— Por falar nisso — respondeu ele —, gostaria muito de um feixe de trevo-branco. É o que prefiro para almoço, e cada vez há menos pelo campo. Pense nisso, Tistu, quando houver tempo.

Essas palavras mergulharam Tistu numa grande estupefação. Não porque o põnei tivesse falado... Isso já o percebera há muito... mas porque o põnei mostrava saber que ele tinha o polegar verde.

“Felizmente Ginástico não fala com ninguém, além de mim”, disse Tistu consigo mesmo.

E voltou, pensativo, para casa. Aquele põnei, via-se bem, sabia muita coisa.

Na Casa-que-Brilha as coisas não iam como de costume. Primeiro, fato indiscutível, os vidros já não brilhavam tanto. Amélia não cantava mais diante do forno: “*Tu não te lembras da casinha pequenina...*”, sua canção predileta. O criado Cárolo já não polia o corrimão.

Dona Mamãe estava de pé desde as sete horas, como nos dias de viagem. Tomava o café com leite na sala de jantar; ou melhor, o café com leite estava diante dela, e ela não tocava na xícara. Mal viu Tistu atravessar a sala.

O Sr. Papai não fora ao escritório. Achava-se na sala de visitas em companhia do Sr. Trovões, e ambos andavam a passos largos, de modo descontrolado, tanto que às vezes esbarravam um no outro e às vezes davam-se as costas. Sua conversa rugia como se fosse uma tempestade:

— Uma ruína! Uma desonra! Só resta fechar! Quanto desemprego! — exclamava o Sr. Papai.

E o Sr. Trovões respondia como o eco de um trovão rolando pelas nuvens:

— Conspiração... Sabotagem... Atentado pacifista...

— Ah, meus canhões, meus lindos canhões! — prosseguia o Sr. Papai.

Tistu, no limiar da porta entreaberta, não ousava interrompê-los.

“Eis como são as pessoas grandes”, dizia consigo mesmo. “O Sr. Trovões me afirmava que todo mundo era contra a guerra, mas que era um mal inevitável, contra o qual não se podia fazer coisa alguma. Eu acabo de impedir uma guerra. Eles deviam estar contentes, em vez de se zangarem!”

O Sr. Papai, esbarrando de novo no ombro do Sr. Trovões, gritou, fora de si:

— Ah, se eu apanhasse o miserável que foi semear flores nos meus canhões!

— Ah, se eu também o agarrasse! — respondia o Sr. Trovões.

— Mas talvez não haja nenhum responsável... Forças superiores...

— É preciso abrir um inquérito. É um caso de alta traição! Tistu, vocês já sabem, era um menino corajoso. Abriu a porta, e colocou-se debaixo do grande lustre de cristal, no centro do tapete de guirlandas, defronte ao retrato do Sr. Vovô.

Tomou respiração, e disse:

— Fui eu que semeei flores nos canhões!

Em seguida, fechou os olhos, esperando o tapa. Como o tapa não veio, abriu de novo as pálpebras.

O Sr. Papai tinha estacado num canto do salão e o Sr. Trovões no outro. Eles olhavam Tistu, mas parecia que não o estavam vendo. Seria o caso até de perguntar se tinham ouvido e compreendido.

“Não estão acreditando”, pensou Tistu. E, para confirmar sua confissão, enumerou suas proezas, como quem dá a solução de uma charada:

— Os volúbeis na favela, fui eu! A cadeia, fui eu! O edredom de pervincas para a menina doente, fui eu! E o baobá na jaula do leão, fui eu também!

O Sr. Papai e o Sr. Trovões continuavam a brincar de estátuas. A ideia de Tistu florista em domicílio não lhes podia entrar na cabeça. Tinham justamente a cara de que iam abrir a boca para declarar: “Para de dizer tolices e deixa as pessoas grandes em paz!”

“Pensam que estou me gabando”, pensou Tistu. “É preciso que lhes prove a verdade.”

Aproximou-se então do retrato do Sr. Vovô. Sobre o canhão que servia de apoio ao venerando fundador da Manufatura de Mirapólvora, encostou o polegar e o manteve ali alguns segundos.

A tela estremeceu ligeiramente, e viu-se brotar da boca do canhão uma haste de junquilha, que deu primeiro uma folha, depois outra, e em seguida as campânulas brancas.

— Pronto! — disse Tistu. — Eu tenho polegar verde.

Ele esperava que o Sr. Trovões ficasse escarlate e o Sr. Papai todo branco. Mas foi o contrário.

O Sr. Papai deixou-se cair numa poltrona, com o rosto cor de púrpura, enquanto o Sr. Trovões, pálido como cera, tombava no tapete.

Diante desse duplo espetáculo Tistu compreendeu que fazer brotar flores dentro dos canhões perturbava profundamente a vida das pessoas grandes.

Saiu do salão com o rosto intacto, o que prova que a coragem é sempre recompensada.



I8



no qual algumas pessoas grandes
acabam renunciando às suas ideias
estabelecidas



O Sr. Papai, como vocês já puderam constatar ao longo desta narrativa, era um homem de rápidas decisões. Foi-lhe preciso, no entanto, uma semana inteira para refletir sobre a situação e enfrentá-la.

Cercado de seus melhores engenheiros, reuniu vários conselhos de direção, nos quais o Sr. Trovões tomou parte. Depois fechou-se sozinho no seu escritório e passou horas e horas com a cabeça entre as mãos. Tomou uma porção de notas. Mas rasgou tudo.

Em suma, a situação se resumia nisto: Tistu tinha polegar verde, usara o polegar verde, e parara, com o polegar verde, a fábrica de Mirapólvora.

Porque, como era de esperar, os ministros da guerra e os generais que se abasteciam normalmente em Mirapólvora haviam logo retirado seus pedidos.

— É melhor a gente recorrer a um florista! — diziam eles. Havia, evidentemente, uma solução, que ocorreu a muitas pessoas destituídas de imaginação: trancar Tistu na cadeia, porque ele semeava a desordem, e comunicar pela imprensa que o malfeitor já não estava em condições de agir. Em seguida, depois de substituir por canhões comuns os canhões floridos, como exigia a justiça, remeter uma circular a todos os generais, informando-lhes que a manufatura retomava a fabricação de outrora.

Mas o Sr. Trovões... sim, até o Sr. Trovões se opôs a semelhante solução:

— Não se levanta facilmente de uma queda como essa! — disse ele sem gritar. — A desconfiança irá pairar muito tempo sobre os nossos produtos. E fechar Tistu na cadeia não adianta nada. Fará brotar carvalhos, cujas raízes derrubarão as paredes, permitindo-lhe a fuga. A gente não pode se opor às forças da natureza.

Como o Sr. Trovões mudara! Suas orelhas, desde o dia da queda no salão, haviam embranquecido, e sua voz se acalmara. E depois (por que não dizê-lo?) o Sr. Trovões não suportava imaginar Tistu em uniforme de forçado, andando em roda, embora numa cadeia florida. A prisão é dessas coisas que a gente encara tranquilamente para as pessoas que não conhecemos. Mas logo que se trate de um menino de quem a gente gosta, é tudo diferente. Pois está

aí uma coisa que ninguém esperava: o Sr. Trovões, apesar das suas arengas, dos seus zeros, da sua bofetada, logo que ouviu falar em prisão, descobriu que gostava de Tistu, que se afeiçoara a ele, que não suportaria deixar de vê-lo. São assim muitas vezes as pessoas que falam grosso.

Aliás, o Sr. Papai ter-se-ia oposto, em qualquer hipótese, à prisão de Tistu. O Sr. Papai era bom, como já disse. Era bom e era negociante de canhões. À primeira vista, isso não parece compatível. Adorava seu filho e fabricava armas para levar a orfandade aos filhos dos outros. Isso acontece mais do que se pensa.

— Nós tínhamos conseguido dois sucessos — disse ele a Dona Mamãe. — Fabricávamos os melhores canhões e fazíamos de Tistu um menino feliz. Parece que as duas coisas já não podem coincidir.

Dona Mamãe era suave, bela e bondosa. Uma pessoa encantadora. Escutava sempre com o maior interesse, e mesmo com admiração, as palavras do marido. Desde o triste caso da guerra dos Voulás ela se sentia um pouco culpada, sem saber exatamente por que motivo. As mães se julgam sempre um pouco culpadas quando os filhos perturbam a vida das pessoas grandes e correm o risco de sofrer as consequências.

— Que fazer, meu caro, que fazer? — respondeu ela.

— O que me preocupa é tanto o destino de Tistu quanto o da fábrica — prosseguiu o Sr. Papai. — Nós tínhamos uma ideia quanto ao futuro do menino: imaginávamos que iria suceder-me na fábrica, como eu sucedera a meu pai. Ele tinha todo o seu caminho traçado, fortuna, consideração...

— Era uma ideia estabelecida — disse Dona Mamãe.

— Sim, uma ideia estabelecida e bem cômoda. Agora, precisamos estabelecer uma outra. Esse menino não sente gosto pelas armas, parece evidente.

— Dir-se-ia que sente inclinação pela horticultura...

O Sr. Papai se lembrou das palavras do Sr. Trovões: “A gente não pode se opor às forças da natureza...”

“É claro que nada podemos contra essas forças”, refletia o Sr. Papai; “mas podemos pô-las a nosso serviço.”

Ele se levantou, deu três passos pela sala, voltou-se, e puxou as pontas do

colete.

— Minha cara esposa — disse ele —, eis a minha decisão.

— Tenho a certeza de que é a melhor — disse Dona Mamãe com os olhos marejados de lágrimas, porque o rosto do Sr. Papai tinha naquele instante alguma coisa de heroico, de comovente, e seus cabelos brilhavam como nunca.

— Nós vamos — declarou ele — transformar a fábrica de canhões em fábrica de flores.

Os grandes homens de negócios têm o segredo dessas viravoltas repentinas, desses inesperados arrancos em face de uma situação adversa.

Puseram imediatamente mãos à obra. O sucesso foi fulminante.

A batalha a tiros de violetas e miosótis fizera correr muita tinta pelo mundo. A opinião pública já estava preparada. Todos os acontecimentos precedentes, as misteriosas florações e até mesmo o nome da cidade, Miraflores, tudo concorreu para o rápido desenvolvimento da nova empresa.

O Sr. Trovões, a quem foi confiada a publicidade, fez estender pelas estradas da redondeza imensas faixas, onde se lia:

“Plantai flores que crescem numa noite.”

Ou então:

“As flores de Miraflores crescem até sobre o aço.”

Mas seu melhor slogan foi sem dúvida:

“Dizei não à guerra, mas dizei-o com flores.”

Os clientes afluíram, e a Casa-que-Brilha recuperou a antiga prosperidade.



I9



no qual Tistu faz uma última
descoberta



As histórias nunca param onde a gente imagina. Vocês pensavam talvez que tudo já estivesse dito, e que já conhecessem Tistu muito bem. Pois fiquem sabendo que nunca conhecemos ninguém completamente. Nossos melhores amigos reservam sempre surpresas.

É claro que Tistu já não fazia mistério a respeito do polegar verde. Ao contrário, falava-se muito disso, e Tistu se tornara um menino célebre, não só em Mirapólvora (perdão, Miraflores), mas no mundo inteiro.

A fábrica ia às mil maravilhas. As nove chaminés estavam cobertas, até em cima, de trepadeiras e flores exuberantes. As oficinas recendiam os mais raros perfumes.

Fabricavam-se tapetes de flores para o chão das casas e tapeçarias para substituir as cortinas e o papel de parede. Os jardins eram despachados em vagões. O Sr. Papai tinha até recebido uma encomenda de tapa-arranha-céu, porque as pessoas que viviam nos apartamentos eram frequentemente, ao que se dizia, tomadas de uma espécie de febre, que as levava a se jogarem pela janela do centésimo trigésimo andar. Vivendo tão distantes da terra, é compreensível que não se sentissem muito normais, e julgava-se que as flores fariam passar aquelas vertigens.

Bigode tornara-se o grande conselheiro das culturas. Tistu não cessava de aperfeiçoar sua arte. Agora, ele inventava flores. Chegara a criar a rosa-azul, de que cada pétala parecia um pedaço do céu. E fora bem-sucedido em duas novas variedades de girassol: o girassol nascente, cor de aurora, e o girassol poente, entre púrpura e cobre.

Quando acabava, ia brincar no jardim com a menina que havia sarado. Ginástico só comia do melhor trevo-branco.

— Então, está contente agora? — disse um dia o põnei a Tistu.

— Sim, estou muito contente! — respondeu Tistu.

— Você não se aborrece?

— De modo algum.

— Não sente vontade de nos deixar? Vai ficar conosco?

— Mas é claro. Por que essas perguntas engraçadas?

— Uma ideia...

— O que é que você quer dizer? Já não acabou a minha história? — perguntou Tistu.

— Vamos ver... vamos ver — disse o pônei, pondo-se a roer seus trevos.

Daí a algumas manhãs, uma notícia correu pela Casa-que-Brilha, deixando todos muito tristes. O jardineiro Bigode não despertara.

— Bigode resolveu descansar para sempre — explicou Dona Mamãe a Tistu.

— Posso ir vê-lo dormir?

— Não, não pode. Você não pode mais vê-lo. Partiu para uma viagem longa, muito longa, e nunca mais voltará.

Tistu não compreendia direito. “Não se viaja de olhos fechados”, pensou ele. “Se está dormindo, podia ter me dado boa-noite. E se partiu, podia ter me dito adeus. Isso não está nada claro; estão me escondendo alguma coisa.”

E foi sondar a cozinheira Amélia.

— O coitado do Bigode está no céu; agora é mais feliz que nós — disse Amélia.

“Se é feliz, por que dizer que é coitado? Se é coitado, como poderá ser feliz?”, perguntava-se Tistu.

Cárola tinha ainda uma outra opinião. Segundo ele, Bigode estava debaixo da terra, no cemitério.

Era muita contradição.

Debaixo da terra ou no céu? Era preciso decidir. O jardineiro não podia estar por toda a parte ao mesmo tempo.

Tistu foi ao encontro de Ginástico.

— Eu sei — disse o pônei. — Bigode morreu.

Ginástico dizia sempre a verdade. Era um de seus princípios.

— Morreu? — exclamou Tistu. — Mas não houve guerra.

— Não é preciso guerra para morrer — respondeu o pônei.

— A guerra é apenas uma ajudante da morte... Bigode morreu porque era muito velho. Toda vida termina assim.

Tistu teve a impressão de que o sol perdia o seu brilho, o prado se tornava

escuro e o ar, difícil de respirar. São os sinais de um incômodo que as pessoas grandes pensam que só elas sentem, mas que as pessoinhas da idade de Tistu sentem também, e que se chama desgosto.

Tistu envolveu com seus braços o pescoço do pônei e pôs-se a chorar na sua crina.

— Chora, Tistu, chora — dizia Ginástico. — É preciso. As pessoas grandes não querem chorar, e fazem mal, porque as lágrimas gelam dentro delas, e o coração fica duro.

Mas Tistu era um menino diferente, que não se dobrava em face da desgraça antes de lhe pôr o dedo em cima.

Enxugou suas lágrimas e pôs um pouco de ordem em suas ideias.

“No céu ou debaixo da terra?”, repetia ele.

Resolveu ir ver de perto. No dia seguinte, após o almoço, saiu do jardim e correu até o cemitério, um pouco no flanco da colina. Um cemitério bonito, cheio de árvores e nada triste. “Parecem chamas da noite a brilhar durante o dia”, pensou

Tistu ao passar pelos ciprestes negros.

Viu um jardineiro, de costas, varrendo uma aleia. Sentiu de repente uma louca esperança... Mas o jardineiro voltou-se. Era um simples jardineiro de cemitério, sem a menor semelhança com o que Tistu procurava.

— Por favor, o senhor sabe onde está o Sr. Bigode? — perguntou-lhe Tistu.

— Terceira aleia à direita — respondeu o jardineiro, sem interromper o trabalho.

“Então é aqui mesmo...”, concluiu Tistu.

Seguiu a direção indicada, caminhou entre as sepulturas e deteve-se diante da última, novinha em folha. Na lápide de pedra, lia-se esta inscrição, composta pelo professor:

*Aqui jaz Mestre Bigode,
jardineiro dos melhores.
Uma lágrima por ele,
que foi amigo das flores.*

E Tistu pôs mãos à obra. “Bigode não poderá resistir a uma peônia.

Sentirá vontade de conversar com ela”, pensava Tistu. Enterrou o polegar no chão, e esperou alguns instantes. A peônia brotou do solo, subiu, desabrochou, e inclinou a cabeça, pesada como um repolho, por sobre a inscrição da lápide. E ele fez surgirem jacintos, cravos, lilases, mimosas e angélicas. A sepultura, em poucos minutos, viu-se cercada de um bosque. Mas continuou sepultura.

“Talvez uma flor que ele não tenha conhecido”, pensou ainda Tistu. “Mesmo quando a gente está muito cansado, a curiosidade atrai...”

Mas a morte zomba dos enigmas. Ela é que os propõe. Uma hora inteira Tistu lançou mão da mais fértil fantasia para fabricar plantas jamais sonhadas. Inventou, assim, a flor-borboleta, com dois pistilos em forma de antenas e duas pétalas estendidas, que se agitavam à menor brisa. Tudo em vão.

Quando foi embora, de mão suja, cabeça baixa, deixava atrás de si a mais surpreendente sepultura que se tenha visto num cemitério. Mas Bigode não respondera.

Tistu atravessou o prado, em busca de Ginástico.

— Você já sabe, Ginástico...

— Sim, eu sei — respondeu o põnei. — Você descobriu que a morte é o único mal contra o qual as flores nada podem...

E, como o põnei era um moralista, acrescentou:

— É por isso que os homens são muito tolos ao procurarem se prejudicar uns aos outros, como fazem constantemente.

Tistu, de nariz para cima, olhava as nuvens e refletia.

20



no qual ficamos sabendo finalmente
quem era Tistu



Ela o preocupava há vários dias; exigia todos os seus cuidados; era só nela que ele pensava. Ela quem? A escada.

— Tistu está construindo uma escada — diziam em Miraflores.

Mas era só o que sabiam. Uma escada para ser colocada onde? Para quê? Por que uma escada e não uma torre ou uma bandeira de flores?

Tistu desconversava:

— Tenho vontade de fazer uma escada, só isso... Escolhera o local, bem no centro do prado. Uma escada, geralmente, é trabalho de carpinteiro. Mas Tistu não pretendia usar madeira cortada.

Começara por meter o polegar na terra, bem fundo, em dois pontos bem distantes um do outro, mais ou menos a distância dos seus braços bem abertos.

— É preciso que as raízes desta escada sejam bastante fortes — explicava ao pônei, que acompanhava os trabalhos com grande interesse.

Duas árvores se ergueram, duas belas árvores esguias, de ramos espessos. Em menos de uma semana, tinham atingido trinta metros. Cada manhã Tistu, fiel aos ensinamentos de Bigode, dirigia-lhes um breve discurso. O método deu o melhor resultado.

As árvores eram de rara qualidade. O tronco, em sua elegância, lembrava o eucalipto, mas com a dureza do jacarandá. As folhas eram recortadas como as da parreira, e os frutos brotavam verticalmente, em pequenos cones, como pinhas do pinheiro.

Mas quando as árvores passaram dos sessenta metros, as folhas de parreira deram lugar a espinhos azulados, e apareceram botões de veludo. Cárolo disse então que as árvores eram de uma espécie muito comum no seu país e a que chamavam sorveira.

— Isto, sorveira? — protestou a cozinheira Amélia. — Não vê que está dando agora cachos brancos e perfumados? Garanto que são abrunheiros, que conheço muito bem, pois as flores servem para doce.

Mas nem Amélia nem Cárolo estavam errados ou certos. Cada um via,

naquelas árvores, a sua árvore predileta. Eram árvores sem nome.

Em breve mediam mais de cem metros. Nos dias de neblina, já não se via mais onde acabavam.

Mas, dirão vocês, duas árvores, por mais altas que sejam, jamais serão uma escada.

Foi então que surgiu a glicínia. Uma glicínia diferente, híbrida, fortemente cruzada com o lúpulo. Apresentava ainda a particularidade de crescer na horizontal entre os dois troncos. Apoiava-se solidamente num deles, dava um salto, atingia o outro, contornava-o três vezes, fazia um nó com sua própria haste, subia um pouco mais, e repetia a proeza em sentido inverso. Assim se construía os degraus da escada.

O espetáculo foi quando essa glicínia, de uma vez só, se cobriu de flores. Parecia correr do céu uma cascata cor de malva.

— Se Bigode está mesmo lá em cima, como insistem em dizer — segredou Tistu ao Ginástico —, aproveitará esta escada para descer, nem que seja um pouquinho.

— Você fica pondo coisas na cabeça! — respondeu o pônei.

— É que eu sofro por não poder vê-lo... e por não saber...

— respondeu Tistu.

A escada continuava a crescer. Fotografaram-na para os jornais em cores, que escreviam a seu respeito: “A escada de flores de Miraflores (ex-Mirapólvora) é a oitava maravilha do mundo”.

Se a gente perguntasse aos leitores quais eram as sete primeiras, ficariam bem atrapalhados para responder. Faça a pergunta a seus pais, para ver uma coisa!

Mas tudo isso não fez Bigode descer.

“Vou esperar ainda três manhãs”, decidiu Tistu; “em seguida, sei o que me resta fazer.”

Chegou a terceira manhã.

A lua se deitara, o sol não se levantara ainda e as estrelas estavam caindo de sono quando Tistu saiu da cama. Não era mais noite, mas o dia não chegara ainda.

Tistu vestia a sua longa camisola branca.

“Onde é que foram parar meus chinelos?”, perguntou a si mesmo. Encontrou um debaixo da cama e o outro em cima da cômoda.

Deixou-se escorregar pelo corrimão, saiu pé ante pé, e chegou até a escada, no meio do prado. Ginástico também estava lá. Tinha o pelo triste, a orelha caída, a crina emaranhada.

— Que é isso? Você já está de pé? — perguntou-lhe Tistu.

— Não entrei ontem à noite na cavaliça — respondeu o pônei. — Confesso que passei a noite inteira tentando roer o pé dessas árvores; mas a madeira é dura demais. Meus dentes não conseguiram...

— Você quis então derrubar a minha bela escada? — exclamou Tistu. — Por que, Ginástico? Para impedir que eu suba?

— Foi — disse o pônei.

Gotas de orvalho começaram a cintilar pela relva. E, ao mesmo tempo, Tistu viu duas lágrimas nos olhos do pônei.

É preciso prestar muita atenção quando os cavalos choram. É sempre por uma coisa importante.

— Mas vamos, Ginástico, não soluce desse jeito, senão você vai acordar todo mundo. Por que é que você se preocupa? Você bem sabe que eu não sinto vertigens. Eu vou só subir e descer. Já estarei de volta quando o Cárolo se levantar.

Mas Ginástico continuava chorando.

— Ah, bem que eu sabia... eu sabia que isso ia acontecer...

— repetia ele.

— Eu trarei uma estrelinha para você — disse Tistu para consolá-lo. — Até logo, Ginástico.

— Adeus — disse o pônei.

Ele viu Tistu escalar os degraus e acompanhou a sua ascensão.

Tistu ia subindo no mesmo ritmo, leve e ligeiro. Dentro em pouco sua camisola de dormir parecia menor que um lenço.

Ginástico espichava o pescoço. Tistu diminuía, diminuía, já era menor que uma bola, que uma ervilha, que uma cabeça de alfinete, que um grão de poeira. Quando se tornou invisível, Ginástico afastou-se tristemente, e foi roer a relva do prado, embora não sentisse fome.

Mas Tistu, de sua escada, via ainda a Terra.

“Olha só”, disse consigo mesmo, “os prados são azuis!” Deteve-se um instante. Daquelas alturas, tudo muda.

A Casa-que-Brilha brilhava ainda, num minúsculo reflexo de diamante.

O vento se metia pela camisola de Tistu e a enchia com seu sopro.

“Vou segurar bem forte!” E prosseguiu a escalada. Mas, em vez de se complicar, sua ascensão se tornava cada vez mais fácil.

O vento acalmara. Tudo o que fora barulho ou ruído se tornava silêncio. O sol faiscava como um fogo gigantesco, mas sem queimar. A Terra não era mais que uma sombra, mais que nada.

Tistu não percebeu logo que já não havia escada. Somente deu por isso quando verificou que perdera seus caros chinelos e tinha os pés descalços. Já não havia escada, e ele continuava a subir, sem dificuldade, sem fadiga. Uma grande asa branca o roçou.

“Que engraçado!”, pensou ele. “Uma asa sem pássaro...”

E de repente ele entrou numa enorme nuvem, alva, sedosa, macia, onde já não enxergava mais nada.

Essa nuvem lembrava a Tistu alguma coisa... uma coisa tão branca e tão suave... Sim, os bigodes do Bigode, mil, milhões de vezes maior. Tistu subia por uma barba imensa como uma floresta.

Ouviu então uma voz, uma voz parecida com a de Bigode, mas imensamente mais forte, mais grave e mais profunda... E ouviu essa voz dizer:

— Ah, você está aqui...

E ele desapareceu para sempre naquele mundo invisível, do qual até as pessoas que escrevem histórias não sabem coisa alguma.

No entanto, para que o Sr. Papai e a Dona Mamãe e todos que o amavam não ficassem preocupados, Tistu, pela última vez, mandou notícias suas por intermédio de Ginástico. Esse pônei, como já dissemos, sabia muita coisa.

Assim que perdera Tistu de vista, pusera-se a roer a relva do prado. E não estava com fome. Mas roía, roía, apressava-se. Roía de um modo curioso, como se quisesse fazer um desenho ou seguir um traçado. E, à medida que ia roendo, no lugar da relva roída punham-se a brotar botões de ouro, bem juntinhos e espessos. Logo que acabou, foi descansar.

Quando os moradores da Casa-que-Brilha saíram aquela manhã a chamar Tistu por todos os cantos, viram no meio do prado dois chinelinhos e uma frase escrita em belas letras douradas:

TISTU ERA UM ANJO!

MAURICE DRUON

nasceu em Paris em 1918. Ganhou o prêmio Goncourt com apenas 30 anos de idade, e, depois disso, escreveu inúmeros romances históricos. Eleito para a Academia Francesa em 1966, foi ministro da Cultura de 1972 a 1974. Em sua obra, que pinta a sociedade com cores sombrias e satíricas, *O menino do dedo verde* é uma flor inesperada que ele dedicou às crianças.

WALTER LARA

nasceu em Minas Gerais na década de 1950. Desenha desde criança e hoje usa papel 100% algodão e aquarela. Já ilustrou algumas dezenas de livros. Nos últimos anos se tornou também autor com: *O Artesão*, *Como nascem os pássaros azuis* e *Na Biblioteca da Rua Direita*. Foi finalista do prêmio Jabuti por duas vezes. Recebeu diversas vezes o selo de Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

O menino do dedo verde

Wikipédia do autor:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Maurice_Druon

Livros do autor:

<https://www.record.com.br/autores/maurice-druon/>